

Narradores de Vida

Museu da
Pessoa  anos

Sumário

Prefácio.....	5
Os avós	
Brinquedos e cicatrizes	8
Carla França Ferreira Rosa	
Histórias de Maria e de Helena.....	10
Helena Gonçalves	
Nunca Esqueci.....	14
Vanessa Tassoni	
Família	
Pequenas Histórias, Grandes Amores	18
Cláudia Ricci	
O nome que deu sorte!.....	21
Gomér Gonzaga	
Agora todo mundo é Magal	23
Lourdes Cannito	
O Rio Azul. Versão 2.....	25
Maria Maximo (Neusa Maria de Andrade Maximo)	
Tratado sobre raízes aéreas	28
Vera Leny Pastore	
Filhos	
Os meninos-presente.....	32
Helenice Schiavon	
O Segredo ou O Sorriso mais lindo do mundo!.....	35
Lilian Abdalla	
.... de amor, raízes e asas.....	38
Sandra Regina de Souza	
Infância	
Menino de apartamento	43
André Carvalho de Freitas	
Paredão	45
Marina Izidoro	

Ossos da Memória	47
Ramon Sanches	
O Natal ou Meu último Papai Noel	49
Rosita Flores (Rosana de Cássia Paulo Garcia)	
Literatura	
Um Mundo para chamar de meu.....	52
Eduardo Alves	
História sem fim	56
Rodrigo de Moura	
Almar os livros.....	59
Tales Gubes	
Questões existenciais	
O Vazio e o Mundo.....	63
Diego Silveira Paim	
A História que vou contar é... A pizza do Roberto	66
Flávia Sakai	
A folha em branco.....	68
Gabriela Gasparin	
Todas as histórias já foram contadas.....	71
Renata Almeida	
Recomeçar	73
Silvionê Chaves	
De onde vim, para onde vou	75
Susana Caetano de Souza	
Trabalho	
Até chegar ao oitavo andar	78
Denise Maia	
O Estranho.....	80
Marcelo Miranda	
Sou tradutor.....	82
V́ctor Gonzales Linares	
A vida por inteiro - 100%	84
Yone Fonseca	

Prefácio

Desde a sua criação, em 1991, o Instituto Museu da Pessoa é um museu aberto e colaborativo que conecta pessoas e grupos por meio de suas histórias de vida. Acreditamos que todos ser humano, anônimo ou célebre, tem o direito de eternizar a sua história. E que, ouvir o outro, é essencial para respeitá-lo e compreendê-lo como par. Fazemos registros de histórias de vida a partir da memória oral de cada um. Temos um acervo que conta, hoje, com cerca de 16 mil histórias de vida.

Ao longo dos anos, oferecemos várias oficinas para compartilhar nossa metodologia de história oral. Esta publicação é fruto de nosso primeiro curso denominado "Narradores de Vida", ocorrido em fevereiro e março de 2017. Esse curso celebra a parceria entre Giselle Rocha e Sandra Lessa.

O primeiro passo, para que as narrativas surgissem, foi a construção de um círculo entre os participantes. Cada um deveria escolher um episódio de sua vida para relatar.

Após o relato oral, os participantes fizeram a escrita dessa memória. Houve então um 2º círculo de histórias e todos puderam interferir na narrativa do outro, tecendo comentários que auxiliassem no enredo da narrativa. Para tal, usávamos a expressão: "Se essa história fosse minha". Nossa intenção era que cada memória ouvida fizesse parte de cada um de nós, formando assim uma memória coletiva.

O curso, também, propôs reflexões sobre a ficção e a realidade contidas dentro das narrativas da memória. Apresentou modos de transformar lembranças de momentos da vida em duas linguagens artísticas: escritas literárias e narrações cênicas. Construiu uma integração com a escrita e a oralidade, evidenciando as particularidades de cada

linguagem focando na integração dessas composições, buscando gerar um ‘recriação da memória’ por meio da arte.

Trabalhou com temas da estética da cena contemporânea por meio da figura do contador de histórias, apresentando elementos para a criação de solos artísticos (materiais cênicos, palavra performativa, corpo e voz). Assim os participantes puderam vivenciar a criação literária e a construção cênica elaboradas a partir da memória pessoal, ou seja, os relatos autobiográficos.

Convidamos você, leitor, a fazer parte dessa história.

Giselle Rocha
Sandra Lessa
Sônia London

Os avós

“O efeito da memória é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com eles e trazê-los a eles a nós, para que estejam conosco.”

Padre Antônio Vieira

Brinquedos e cicatrizes

Carla França Ferreira Rosa

Depois da escola fui direto para a casa da minha avó. Ela não estava. Tia Zina disse que Zeca tinha ido à quitanda e já voltava. Percebendo que nada entendi, ela riu e explicou que este era o apelido da minha avó. Tia Zina contou que a vó Zeca recebeu este apelido na meninice, pois era uma moleca danada, gostava de brincar e inventar histórias, contar causos e defender sua irmã caçula a socos e pontapés se fosse preciso. Entre “vó” e “Zeca” eu escolhi apenas “vó”, aliás, desde quando “vó” precisa ter nome e sobrenome? “Vó” é sujeito, adjetivo e substantivo tudo ao mesmo tempo.

Foi num domingo de verão, daqueles que não segura criança dentro de casa que eu soube que se podia remendar pele de gente feito um pedaço de pano. Arranhado no joelho, galo na cabeça, vá lá, mas levar pontos era novidade mesmo numa família de crianças arteiras. Tudo por causa daquela linda licoreira cor de jade que espatifou no chão quando meu irmão foi brincar de se esconder. Minha mãe ficou brava até ver que o estrago tinha sido maior do que os cacos do querido presente da vó Zeca. Duas horas depois meu irmão voltou com o pé todo costurado, olhos vermelhos e alguns soluços.

Já tinha vinte poucos anos quando deixei de ser bancária para voltar a brincar. O estágio no Instituto do Coração era de brinquedista, melhor lugar não havia. Comecei meu primeiro dia entusiasmada e ao vestir o avental com estampas divertidas lembrei que eu tinha verdadeira aversão a pontos cirúrgicos! Como vencer o incômodo causado pelo cheiro de éter, corredores brancos, sangue, injeção e cicatrizes? Nos primeiros dias tudo corria bem, eu saía do hospital com o meu coração transbordando de

alegria. Cada brincadeira, conversa ou sorriso vindo de um paciente abria um novo mundo de sensações e emoções.

Um dia recebi um chamado para atender um idoso. Senti medo, não sabia como brincar com alguém tão distante do tempo do “pega-pega”, “bolinha de gude”, “amarelinha” e ao mesmo tempo tão perto de dizer “Adeus”. Entrei no leito e vi seu Ciriaco com o peito todo costurado. Estremeci! Como ele parecia adormecido, me preparei para sair, percebi que estava parecendo uma múmia com as proteções da área de isolamento e murmurei: “eu devo estar horrível desse jeito”. Em resposta ouvi uma voz baixinha dizendo: “Imagina, você está linda!”. Um sentimento de constrangimento me tomou o corpo todo e por alguns segundos fiquei paralisada, envergonhada. Virei-me para ele e só consegui soltar um simpático “bom dia!”.

Todos os dias eu passei a visitá-lo. Ver aquele homem passar seus últimos dias relembrando a vida que tivera com vigor e graça transmitiu uma paz interior imensa em mim, dando-me esperança de envelhecer como aquele sorridente imigrante grego. Eu esperava as horas para ouvir suas histórias repletas de aventuras e alegrias da sua mocidade. Cheguei animada a espera por mais um dedo de prosa e antes que alegremente eu pudesse adentrar ao seu leito soube que seu Ciriaco fez como Zeca, depois de uma vida inteira de dores e remendos numa sexta-feira à noite foi brincar de voar no céu dos passarinhos.

Histórias de Maria e de Helena

Helena Gonçalves

*Na vida um homem deve plantar uma árvore,
fazer um filho e escrever um livro.*

Antonio Carlos Gonçalves

Dona Maria era uma Maria, uma entre milhares de Marias. Cearense, da cidade do Padre Cícero, vivia num bairro da periferia de São Paulo com seu marido Jacintho e seus filhos José Roberto, Ana Maria e Esther. Mas não foi uma Maria qualquer, foi a mãe de minha mãe.

Enérgica, era dela a responsabilidade de cuidar da casa e criar os filhos. Meu pai diz que era uma mulher bonita, elegante, altiva, andava empinada, balançando os quadris. Minha mãe, que vivia bem vestida, de cabelo arrumado, unhas pintadas, nos bons tempos, jóias. Tinha bom gosto. Mas Maria não era bela, recatada e do lar. Era professora de corte e costura, tinha escola em três lugares diferentes, era modista, fazia roupas sob medida, colchas de piquê, vendia e comprava, negociava, ganhava seu dinheiro. E gastava com o que gostava. Ia nas lojas, escolhia o que queria, o melhor, o mais caro, e era meu avô quem tinha de cobrir os custos quando o dinheiro dela não era suficiente. Não gostava de pobreza. A casa, um luxo, os móveis, os talheres, os livros, os discos de música clássica! Não levava nada em banho-maria. Tinha opinião. Era do jeito que ela queria que fosse. Meu avô não queria briga. Queria trabalhar, chegar em casa, descansar, cedia.

Mulher de opinião forte. Não queria que os filhos tivessem amizade com qualquer um, gente de cor principalmente. Imagine o apuro da minha mãe no casamento, quando dona Maria conheceu seu João, pai de meu pai, um negro! Mas daí já era tarde e ela queria se livrar

da minha mãe, afinal, uma mulher só tem valor casada. Ainda bem que ela tinha o tio Zé Roberto, “a alegria de uma mãe é ter um filho homem”. Do marido da filha ela também gostava. Meu pai fazia caipirinha de limão galego e comprava cigarros para ela beber e fumar escondida do meu avô. Meu pai canta:

“Eu gosto da minha sogra
deixa pra lá quem quiser,
É minha segunda mãe
é mãe de minha mulher,
Ela trata seus netinhos
com carinho e devoção
É um anjo de bondade,
Mora no meu coração.”

Quando ele brigava com minha mãe e queria ir embora, dona Maria dizia “quem manda na casa é você, você é o homem”. Mas quem mandava na casa dela era ela.

Vó Maria não viveu para me contar sua história, não conheci nem seu fantasma. Minha mãe conta que uma noite, depois de assistir a uma novela com o Fábio Júnior, Maria foi dormir. Quando acordou, estava morta, como popularmente dizem. Não conheceu em vida o neto preferido, homem. Mas meu pai conta que uma noite ela veio visitar o neto. Entrou no quarto, altiva, elegante e balançando os quadris. Olhou muito meu irmão. Meu pai, paralisado. Depois foi embora.

Simpatizo mais com a avó Helena. Do cabelo lisinho, comprido e bem branquinho. Brava. Filha de italianos. Com um olho tão azul que minha mãe ficava hipnotizada. Minha mãe a olhava muito na esperança de ter filhos de olhos azuis. Não teve. E eu nunca percebi a cor dos olhos da minha avó, só a via uma vez por ano, pouco ficava com ela, pouco ela

falava comigo. Criou 7 filhos mais 7 filhos adotivos. Tinha de colocar ordem, já que o marido, João, vivia de melodias, cantando, tocando, ensinando música, às vezes trabalhando como alfaiate.

Vó Helena me deixou poucas lembranças, não sei se herdei algo dela. Da avó Maria herdei livros. Gostava de comprá-los, não sei se gostava de lê-los. Depois que ela morreu, ninguém mais se interessou por eles.

Enquanto não sabia ler, brincava com os livros, fazendo-os de paredes e móveis para as casas de bonecas. Eu tinha muita vontade de aprender a ler, brincava que estava lendo, até que aprendi. Depois que aprendi não parei mais. Lia as histórias e não as queria só para mim, contava para meu irmão, meus amigos, minhas bonecas. A mesma coisa acontecia quando eu aprendia algo na escola, queria logo ensinar para alguém.

Cresci em escola porque minha mãe era professora. Meus pais ficavam preocupados se eu seria professora, lia demais, estava sempre com um livro na mão. Não queriam de jeito nenhum. Eu também não queria. Meu sonho era ser escritora e ser uma mulher independente, sair logo de casa. Prestei Letras. Acabei me tornando professora contra a expectativa de todos.

Hoje sou muito feliz na sala de aula. É onde leio, conto histórias e ensino a ler, contar e escrever histórias. Lá me chamam de professora Maria Helena. Quando vou contar histórias sempre me apresento como Helena Gonçalves, porque gosto mais de homenagear a avó paterna. Na faculdade, era Helena de Tróia. Gosto mais de Helena, assim fica mais curto. Na infância, o nome comprido e formal foi substituído pelo apelido Tata e até hoje familiares e amigos mais antigos me chamam assim.

Meu pai que sempre teve medo do que os livros poderiam fazer comigo, me cobra que eu escreva o livro dele,

das suas histórias. Eu paro para ouvi-lo e nunca escrevo. Mas acho que é a hora:

Vocês acham que fantasmas existem? Têm medo de alma do outro mundo? Bem, eu nunca vi nada, nunca ouvi nada, mas conheço quem viu e ouviu.

Meu pai conta, e é fato verídico, aconteceu em Ibitirama, um povoado do interior de São Paulo que tem uma igreja bem bonita, uma rua principal onde fica o comércio, os correios. No final dessa rua, um campo de futebol e o cemitério, onde está enterrada a vó Ritinha, benzedeira de mão cheia. São poucos habitantes, algumas fazendas, muitas plantações de frutas (manga, goiaba, morango), cebola, cana de açúcar, café, algodão, umas poucas indústrias alimentícias. No tempo do meu pai tinha estrada de ferro para escoar a produção. Deu para imaginar? Então...

Em Ibitirama tinha um pé de manga que diziam que era assombrado. Aparecia um homem de chapéu embaixo dessa árvore. Tinha gente que achava que ele era o próprio diabo...

Nunca Esqueci...

Vanessa Tassoni

A primeira história que guardei em mim foi lá pelos meus dois, três anos de idade, era a vida me oferecendo seu primeiro aprendizado.

Menina de vestidinho branco e cabelos castanhos cacheados vai lá, fique no colo de seu avô que ele na noite veranil, me apresentará à você.

Um avô nunca pega uma criança no colo e não proporciona um grande acontecimento na vida dela, ainda mais com a própria vida dando uma forcinha.

E lá se foi a menininha se enveredar no aconchego dos braços magricelos do avô, que mal sentiu o corpinho junto ao seu peito, saiu em disparada para o pequeno grande quintal da casinha litorânea.

A noite, atenta como ela só, logo abriu um imenso sorriso de boas-vindas, mostrando todos seus dentes-estrelas no imenso céu de sua boca.

As estrelas, animadíssimas, faziam uma grande festa ali, logo acima do olhar da pequena para aquele imenso céu de boca aberta, fazendo ela perder o fôlego frente a tamanha beleza.

O vento sempre muito ligeiro, logo percebeu que a menininha se encontrava em maus lençóis e levemente resolveu soprar, só para dar um empurrãozinho na retomada de ar naqueles pequeninos pulmões, ao mesmo tempo que ajudava o narizinho a sentir o cheiro de grama molhada de orvalho, salpicada de areia fofa de praia solitária, feito sonho de avô, sabe, cheirinho de liberdade...

Minha pequena, como a vida lhe disse aqui temos muitas, muitas estrelas que estarão com você por todo seu

caminho. Elas brilharão para você, todas as vezes que para cima olhar.

Mal o vô terminou de falar, o Cruzeiro do Sul veio ao encontro deles e se apresentou, todo polido.

Pequena senhorita, muito prazer, cá estou (tirando o pigarro da garganta), exausto mas sem deixar de ser brilhante, pois sempre tenho que empunhar esta espada que a sua frente reluz. Como deve ter suposto, participei de muitas lutas com os zodíacos, para colocarmos ordem nesta constelação e determinar o lugar de cada um, porque como visto é uma imensidão que não cabe em um só olhar.

Interrompido foi... Oh cavalheiro, o senhor me dá uma licencinha, por favor, a modo que preciso falar com essa riqueza de meninota serelepe que só. Eu sou a Maria Nebulosa e venho com minhas duas irmãs, Maria Colapso e Maria Fusão, mais conhecidas como “As Três Marias”, dizer que nós vemos tudo que ela faz por ai e que ainda fará, com toda permissão da Senhora Vida, que não me deixa mentir. Estão aqui minhas irmãs de prova.

O avô sorriu pois sabia muito bem do que elas estavam falando. A menininha, totalmente encabulada, deu um sorrisinho meio de lado ao mesmo tempo que o coração saiu em disparada feito cavalo de corrida, já que sabia que aquele momento era pra lá de especial e que nunca seria esquecido pela alma daquela pequena serelepe.

A noite foi de muitas prosas, ora risadas tímidas ora gargalhadas de cócegas, tudo regado com muito chá e brilho, brilho que não acabava mais.

Um tempo depois o avô teve que viajar sem data para voltar, indo ao encontro deles, mas como se sabe, a menina desta vez não pode ir e triste ficou sem entender muito bem o porquê, mas com a única certeza que o encontro rendeu uma baita festança...

A vida que ali ficou, nunca deixou ela dormir muito tempo não.

Vamos menina, acorde, mais um dia lá fora te aguarda e como sabe, a recompensa de noite virá...

Assim foram os dias, alguns ímpares, outros pares, escolhas, decisões, dúvidas sempre e uma vontade enorme de viver, de aproveitar cada pedacinho do dia e da noite.

Os desejos corriam soltos entre as pernas da menina serelepe, que agora já era uma mulher mas sem perder o adjetivo, onde crescida descobriu um novo significado para o mesmo, que era o de gostar e querer ser de tudo um pouco, numa só.

A vida que dali não saía, colocava a mão na cabeça e a chacoalhava de um lado para o outro, com muito gosto e desgosto.

Ei menininha serelepe, vamos em mais um de nossos encontros. Vamos, se apresse.

Não tinha uma vez que o encontro não acontecesse, era só olhar para a imensidão do céu, ali, logo acima de sua cabeça, que logo eles se colocavam a disposição.

Senhor Cruzeiro do Sul sempre elegante, prestava muita atenção a tudo que a pequenina grande dizia, dando conselhos com muita coerência, cheinho de razão. Senhoritas Três Marias adoravam fazer a serelepe dar muitas risadas, dando muitas indicações que eram regadas da mais pura emoção.

E bem do lado, como sempre, a vida não deixava nem um pouco, nem mesmo por um segundo, que a menininha serelepe esquecesse de dizer para eles, antes da despedida breve, que eu tinha saudades do colo do vovô...

Não esqueceremos, serelepe, não esqueceremos.

Família

“A memória é muito caprichosa, fixa umas coisas e não fixa outras. Fixa uma coisa que aparentemente não vale nada e esquece uma coisa que é muito forte. O que retemos na memória é aquilo que o capricho dela reteve, não aquilo que a gente quis reter.”

Manoel de Oliveira

Pequenas Histórias, Grandes Amores

Cláudia Ricci

Terra à vista!

Eis que vejo meu passado atravessando o oceano e chegando por sobre os mares, deixando no além-mar as distantes terras de Portugal. Dentro da enorme embarcação, dois jovens não se conheciam e mal sabiam que ali, tão perto, estava seu futuro. No coração os mesmos sonhos, esperanças e medos e nas terras de Santa Cruz se conheceram, se apaixonaram e casaram. Ele, com as mãos hábeis no talhar madeiras e ela, com doce nome Rosa, mas sempre carrancuda e firme, proveram o sustento dos dez filhos. A caçula, minha mãe.

Enquanto isso, o cheiro de couro enchia a pequena sala onde uma jovem costurava sapatos e garantia junto de sua mãe, o pão de cada dia.

No coração ela guardava um segredo. Seu sonho de menina. Ir ao baile e dançar pelo salão calçando o mais belo par de sapatos que ela mesma costurara.

“ Ma que... filha mia non vai a baile. Non é cosa de boa regazza”.

Mas, um grande amigo colocava as mãos no fogo pelo João. Moço bom, bonito, de boa família...e acabou convencendo. Finalmente Maria foi ao baile com João. Naquela noite os belos sapatos flutuaram pelo grande salão, embalados pelo som dos violinos. Ali começaram a se conhecer, se apaixonaram, casaram e tiveram três filhos. O caçula, meu pai.

E os dois caçulas se conheceram. Numa tarde de Domingo, a roda gigante do Parque de Diversões girava, girava ao insistente som do realejo. O rapaz e seu primo, com seus topetes de brilhantina, mãos nos bolsos, caminhava e

olhava pra trás, caminhava e olhava pra trás, andava mais um pouco e olhava pra trás.

A moça em sua vasta saia godê guarda-chuva, discutia de braço dado com a irmã, para quem seria aquele belo par de olhos verdes- que mais tarde saberiam- herdados dos azuis de João. Ela sorria e imaginava...um Elvis só pra mim!

Ali mesmo os dois jovens tiraram a sorte grande. Domingo após domingo voltaram a se encontrar e foram se conhecendo, com certa dificuldade, porque Dona Rosa não era fácil, não. E, contudo, se apaixonaram, casaram, e tiveram dois filhos...o mais novo...meu irmão.

Eu, a primogênita. Sempre muito comportada, quieta, tímida. A blusa levemente florida e a sapatilha impecável e neutra denunciavam que enrubescia ao menor olhar. Olhar este que começou a prestar atenção em outro muito diferente do seu. Um olhar de cabelos cacheados, longos e desarranjados, camiseta listrada surrada, que escapou de virar pano de chão muitas vezes, tênis velho e desbotado. Falava o que pensava e desafiava o tempo todo. Só de pensar naquele olhar eu sumia de medo.

Mas, os olhares insistiram em continuar se encontrando. Era fascinante, devastador, inquietante, irresistível. E esses olhares se apaixonaram e casaram...tipo Eduardo e Mônica.

Hoje, quando olho na direção daquele navio, vejo minha avó recolhendo as roupas do varal e colocando no ombro, uma sobre a outra. Ela sentada na poltrona com os dedos entrelaçados, rodando um após o outro...e as mãos grosseiras e calejadas de meu avô cuidando com todo carinho de sua Rosa até o fim de seus dias.

Quando olho para o grande salão de baile sinto o cheiro de pão com manteiga torrado na frigideira e o abraço quente e gostoso, cheirando água de colônia. E ainda escuto –gosto

desse rapaz de cabelo aparadinho. Mal sabia a vó Maria que por trás daquele cabelo, ora aparadinho, tinha um menino maluquinho cacheado e louco. Mas no fundo, bem sabia que aquele cabelo aparado seria pra mim o mesmo que foi pra ela seu eterno amado João.

A colorida e alta roda gigante ainda gira ao som do realejo com meus pais, entre carinhos, manias e ranhetices, dando voltas há mais de 50 anos.

E de minhas voltas, nossas voltas, já quase pela metade desse tempo, nasceram dois filhos... que um dia também terão para contar suas Pequenas histórias de grandes Amores.

O nome que deu sorte!

Gomér Gonzaga

Tudo começou quando minha mãe nasceu em 1942. Meu avô era muito religioso e adorava dar nomes Bíblicos para suas filhas. Toda vez era uma aventura para saber qual seria o nome. No caso da minha mãe, que era a primeira filha do segundo casamento, meu avô chamou a Tia Ivone deu uma bíblia na mão dela e pediu para ela escolher.

Tia Ivone estava aprendendo a ler, abriu a Bíblia e procurou, procurou, procurou, folheava as páginas ansiosamente, lia alguns nomes em voz alta e no meio de tantos encontrou o nome que seria o da minha mãe: GOMÉR. Joaquim, meu avô, correu no cartório para registrar o nome, achou diferente e lindo! Lá estava ele e todos os familiares encantados com aquela criança que acabará de nascer.

Passaram-se 30 anos e Gomér estava grávida do seu segundo filho (a), naquela época não se fazia ultrassom para descobrir o sexo do bebê, as crianças nasciam e aí sim saberiam qual seria o sexo. Ela não tinha dúvida, sabia que viria uma menininha para completar a sua família.

E no dia 22/03/1978 eu nasci, cabeludinha, olhos de jabuticaba, doce e delicada. Ao ver aquela bebezinha, minha mãe não teve dúvida quis passar a tradição de um nome que deu tanta sorte a ela: - Nascia a GomérZinha.

Quando eu era pequena, confesso que eu não gostava muito do meu nome.

Gomér. Como? É o primeiro nome? É menino ou menina? Qual a origem? Quem te deu esse nome? Você é brasileira? Gourmet? Gomes? Ah, entendi - Roberta? Por favor pode repetir? Lembro que quando comecei a escrever a briga em casa era: Mãe por que meu nome é tão curto e do Ju

é tão comprido? Como assim filha? Ah o dele tem 4 palavras: Luiz Antonio Gonzaga Junior. E o meu é só Gomér Gonzaga. E minha mãe nunca sabia o que responder.

Uma vez fui procurar o significado da etimologia e descobri que Gomér significa “a que faz por completo”. Fiz a lição de casa de procurar na Bíblia tb e encontrei uma história divertida em que Gomér foi muito desejada... mas essa parte fica para um outro dia.

Muitas vezes me questioneei, o que dê sorte este nome teria? Que tradição era essa?

Sempre conheci muita gente por conta do meu jeito de ser, da minha profissão, de morar num condomínio com muitos apartamentos. Ganhei muitos apelidos carinhosos longo da vida: Migo, Gomy, Migolita, Meritinha, Sinda, Gomersinda, Gomerinda, mas ainda não era isso que traduzia em sorte.

Com os anos fui experimentando o que era a tal sorte. Só quem tem um nome diferente sabe a sorte que é, nos tornamos únicos e inesquecíveis e sempre tem alguém que conhece você.

Minha mãe ainda tem um sonho.... Ter uma neta chamada Gomér.

Agora todo mundo é Magal

Lourdes Cannito

Era uma menina que sonhava em ser chacrete, era sim, o melhor emprego do mundo: dançar ao som de todos os “hits”anos 80!!!

O grande Abelardo Barbosa anuncia a cigana Sandra Rosa Madalena, ela aparece quase que tímida , seus cabelos longos na altura da cintura acompanham seus movimentos graciosos.

A platéia bate palmas no ritmo da música e ele entra!

Sua presença ao mesmo tempo que hipnotiza, causa frenesi

Sidney Magal com uma rosa vermelha entre os lábios , numa dança que mistura flamenco vem em direção a cigana Sandra...

O primeiro encontro com o amante latino foi com seus 7 anos , ele dançava sob a luz de uma fogueira com aquela rosa vermelha.. Fantástico!

Ali começava uma admiração, um sentimento de euforia, como se aquela menina já conhecesse aquele encarnado.

Um dia eu vou me encontrar com o Sidney Magal, vou ser amiga dele!

Na família ou no círculo de amigos, essa piração era velha conhecida, trazia singularidade, ...ela gostava... o rótulo podia ser brega, pouco lhe importava, aliás ela amava!

Se apoderou dessa história: é minha! Vou contar como eu quiser!

Um belo dia , seu irmão, aquele que era o caçula e gostava muito de histórias, virou um escritor e nesse ofício ele escreveu uma fábula sobre a nossa família : meus pais, eu , ele e alguns tios e tias, que relata um pouco de nós !

São personagens reais numa história meio fictícia, mas nem tanto!

Só que a surpresa foi que nada mais, nada menos que o Sidney Magal, é o elo que une a história de todos nós e aparece como uma “entidade” para meu pai, um senhor muito sério e um pouco pessimista... e o ajuda a ver a vida diferente, com mais alegria e humor, mudando toda a dinâmica da família! A fábula da cigarra e da formiga, no caso nós, os formigas.

E ela foi parar na telona!!! Lá , era tudo meio misturado mesmo, a ficção e a realidade

Então a luz do cinema se apaga, a música é tão alta que a pouca noção de realidade que lhe restava desaparece, quando ela surge ,a Sandra Rosa, eu mesma....quer dizer a Mel Lisboa, tem um encontro com Magal .

Minha reação foi a de total espanto: eu na platéia do cinema, assistindo outra pessoa sendo eu numa história com Magal.

Pronto! Agora quem não sabia já sabe, sabe até o que na verdade nem eu sabia sobre mim: encalhada, parada no tempo, um pouco frustrada...

Puxa vida, podiam só ter contado a parte que sou apaixonada pelo Magal né?

Mas tudo bem , essa é uma história contada por outra pessoa, sobre alguém que não conheço tão bem assim... A minha mesmo é que tive a felicidade de acabar conhecendo o Sidney Magal, algumas oportunidades de encontrá-lo em ocasiões de trabalho e lazer e a fantasia se misturava com a realidade e assim sucessivamente ... agora já é outra história!

O Rio Azul. Versão 2.

Maria Maximo (Neusa Maria de Andrade Maximo)

Mariana, vc não acredita que existe um rio azul. Então, vou fazer como minha mãe. Ela pede que eu feche os olhos, segura minha mão e começa a contar a história. Minha mãe tem uma voz tão bonita. Devagarinho eu entro na história dela e você não vai acreditar, e eu vejo o rio. Duvida?! E, até meu nome: Rosa, foi por causa de uma tia que veio com ela, naquele tempo. em que minha mãe era uma criança como nós. Meu nome é Rosa, porque minha mãe dizia que nasci com os olhos abertos, nasci como uma flor desabrochada.

Me dê a mão. Feche os olhos. Ah, Rosa, você prometeu que íamos ver o bezerrinho. Vai dar tempo, conto um pouco hoje, outro amanhã. E, você vai para sua casa, só depois de comer o pão que a mãe colocou no forno. Está ouvindo? Ela canta enquanto amassa o pão.

Vamos sentar na sombra do pé de manga.

Minha mãe tinha nossa idade, e morava numa terra que parou de chover. Os açudes foram secando, os riozinhos também. As flores murcharam. Um dia, meu avô decidiu mudar. Tiveram que caminhar três dias, para pegar um barco a vapor no rio Azul.

Caminharam...Caminharam...Caminharam...

No terceiro dia, ela avistou a imensidão. Nossa, ele e se movia lentamente, um ventinho fazia pequenas ondinhas naquele mundo d'água. Muito diferente dos riachinhos, que corriam ligeiros e eram tão pequeninos.

Minha mãe olhou para o céu e pensou: esse rio parece o espelho do céu, suas águas são azuis! Um barco próximo à margem, soltava umas fumaças brancas pelas chaminés e balançava nas águas azuis do rio que parecia reflexo do azul do céu. O sol refletia seus raios nas águas e marolinhas, e ao

contato com os raios dourados do sol, pareciam brincar de esconde... esconde...Seus olhos não alcançavam a outra margem, era longe a outra margem do rio.

Pronto, pode abrir os olhos. Ah! Logo, agora!Que eu ia mergulhar nessas águas. Ei! Para de inventar. Amanhã a gente continua.

Vamos ver quem chega primeiro no pasto. Corre!

Meninas! Não demorem! Os pães logo assam.

Rosa e Mariana são tão amigas. Estão crescadinhas.Comem muito e são magras de ruim. Ó as pernas, não parecem perninhas de Tiriva? Passam o tempo correndo por todo canto dessa fazenda.

Enquanto, o pão assa, vou bordar um pouco. Estão bonitos, esses traços, em ponto cruz das águas...águas...águas..., do meu rio Azul. Tinha a idade dessas meninas, quando embarquei num barco a vapor, que flutuava na imensidão de um rio e que trouxe a mim, a minha família para o sul. Nunca tinha visto um barco, nem um rio tão grande. Já convivía com as belezas dos pássaros arrulhando, das flores, ao desabrochar, depois de uma chuva.

Esse rio, não dava conta de se perder todo evaporado deixando em seu lugar uns esqueletos de bicho e de pedrinhas que antes rolavam, rolavam. Quando entrei naquele barco, parecia que estava indo pro céu. Um dia, acordei e o ele estava atracado e crianças vestidas de anjo, saíam como numa procissão.

Elas tinham asas e imaginava, vê-las, voando por cima das pedras, do rio. Eu queria voar também, quando mamãe me puxou pelo braço e me levou junto, sem asas mesmo. E, todos se dirigiam a gruta, rezar para a Senhora Mãe de Deus que ficava numa gruta, ali esperando os romeiros. Mãe cantava "Se aos Céus, se aos Céus tu queres ir..." Vou tirar os pães do forno e chamar as meninas.Vão chegar esbaforidas, com os pés todo vermelho dessa terra.

Vim parar nesse lugar, cheio de plantação: café, milho, feijão e o meu pomar, com pés de mangas, abacates, laranjas. Essa terra gruda nas paredes, nas roupas e nos pés dessas crianças. Faz mal não. Aqui tudo floresce. Só em tempo de geada. Aí está uma coisa doida no mundo. O frio queima as plantas. Torra tudo. Vai entender.

A mesa já está colocada. Café, leite, manteiga e queijo. Vixi! Que gritaria é essa? Valha-me Deus! Essas meninas entraram no pasto para ver o bezerrinho, e a mãe está furiosa! Corre meninas! Passem por debaixo da cerca! Aí! Estou gritando da janela, deixe eu correr para lá, Retinta! Retinta! Ah! Ela parou, Corram!

Eu disse que não podiam entrar no pasto! Vamos para casa. Dona Olívia, por que a Retinta ficou tão brava? É, mãe, por que? Crianças! Ela está protegendo seu filhote. Vão, vão lavar as mãos.

Que susto! Todas as vezes que gritei pelos meus filhos, ressoa junto, o grito da mãe que perdeu o seu, nas águas profundas do Rio Azul. Já estávamos no meio da viagem, e ao amanhecer de mais um dia, não acordei com as brisas da manhã. E, sim, com os gritos desesperados de uma mãe procurando seu filho. Eu e outras crianças emudecemos. As mães, a consolavam dizendo que o pequeno agora era um anjo do céu.

Mãe, já lavamos as mãos. E, a Mariana quer perguntar uma coisa para a senhora. Pergunta... Se um dia eu puder ir conhecer esse rio, eu consigo ver a minha mãe no céu?

Tratado sobre raízes aéreas

Vera Leny Pastore

*Caí de uma espaçonave Livro ao nascer.
Não sei se era personagem ou gente.
Lembro ter um irmão mais novo. Mas, ele sumiu.
Havia qualquer coisa de asas de anjo...*

Na infância lia muito, tudo e mais o jornal que vinha embrulhando as bananas... mais tarde, interessei-me pelos obituários

Morava em frente a uma Biblioteca, e lá passou a ser meu céu, meu chão, meu rumo. Todas as noites, ouvíamos rádio, acho que era PRK30 e meu avô italiano dava muita risada, nós dois jogávamos escopa e às 9 da noite ele ia dormir.

Certa vez, aos 5 anos, ele subiu. Disse que eu era boa de bico, ganhava todas !!! Deitou e morreu. Decidi não jogar mais escopa.

Como um avô faz falta...

Minha avó era espanhola e tinha asma. Tratava-se com um médico na Rua Barão de Itapetininga. Meu pai me ensinou a dar injeção numa laranja e assim 6 vezes por dia eu treinava na minha avó, mas ela não reclamava ...Fazia um pé de moleque delicioso e eu ajudava. Quando eu via minha avó enfeitar a lata de leite Ninho com rendas e flores já sabia que ela ia visitar alguém. Lá iam os pés de moleque... Ou então ela fazia uma gola de crochê para presentear. Quando tinha 14 anos, minha avó morreu. Decidi ser médica para salvar todas as avós.

Como uma avó faz falta....

Quando tinha 20 anos, minha mãe morreu e eu devorando as histórias dos livros. Decidi, então, ser bibliotecária.

Como uma mãe faz falta

Minhas raízes de família se foram. Fiquei no vazio das histórias, jogar escopa, pé de moleque, primos correndo pela casa e se escondendo, natais e aniversários de magia e depois só solidão. Meu pai arranhou uma namorada. Eu rapidamente me retirava para o quarto que havia nas cavernas submarinas do filme que mais gostava, passava as noites compridas lá, lendo. E ouvindo o barulho do mar, tendo a companhia de peixes fosforescentes que passavam pela janela.

Fiquei com o relógio, as badaladas e os livros.

Foi aí que o Saci apareceu.

Nessa altura notei que tinha companhia, apareceu como sombra e formas, estalos misteriosos, gostos, cheiros e perfumes. As raízes da família cresceram aéreas, brotavam dos pés, das mãos, unhas e cabelos. A reorganização dentro de mim foi algo que assumi na solidão e no silêncio....

Estava no lugar mais perigoso da floresta pois era ali o ponto de reunião de sacis, lobisomens, caiporas, bruxas e até da aterradora mula sem cabeça...

As raízes eram inatas em mim, existiam em algum lugar profundo, no ninho das essências imutáveis e eternas, e eu tinha a liberdade de pensá-las ou não.

Minha família estava em mim e um poder imenso se idealizou como “vontade de viver” e explorar a vida.

Fiz um acordo com meu Saci, não tinha mais salvação, e o contrato com ele garantiu-me a sobrevivência na mata escura, o conhecimento do espírito da natureza e dos animais e uma relação construtiva e harmoniosa estabeleceu-se entre nós.

O meu Saci nascido de um raio durante uma tempestade em plena sexta feira, meia noite, feito de fogo e ar, foi fazer companhia a outros 6 sacizinhos no ninho em

um bambuzal. Tem mania com sete.... Não me pergunte porque... Já nasceu com o pito na boca, uma perna só, e uma carapuça vermelha que o torna invisível.

Queima as ideias com o pito e não tem medo de escuro pois é noturno, está por todo lado, desconstrói as certezas, some com objetos e é feito de uma substância plástica, gelatinosa, impalpável e mutável.

Provoca movimentos, cria energia e com ele não tem passado, presente e futuro. O tempo é. Gira prá provar e provocar redemoinhos.

Viveu 7 anos no ninho de bambu e depois foi lá prá casa viver comigo. A essa altura já tinha a mão furada de tanto ficar cuspidando fumo.

Aprendi a esconder a carapuça dele bem escondido, porque é esperto que só. E quando faço isso, tenho um escravo dentro de casa, que é prá parar de fazer bagunça....e ele saber que quem manda lá sou eu!

Anos e anos depois, fui trabalhar em biblioteca de periferia e diante das histórias infinitamente triste das crianças lamentei

Como os avós fazem falta...

Como as mães fazem falta

Arregacei as mangas, apareceram sacis e mais sacis, e desde esse tempo sou Sacizóloga, só lido com o espaço da liberdade e imaginação.

Conduzida pelo faz-de-conta e no coração da floresta assombrada levo LUZ e FORÇA.

Filhos

“A memória é o perfume da alma.”

Georg Stand

Os meninos-presente

Helenice Schiavon

Mais fácil seria narrar essa história em primeira pessoa. Afinal, é bom que se diga, essa é uma história de mãe. E poético seria ouvi-la narrar sua história... Mas, é bom que se diga que, se dependesse da mãe, ela seria a única voz dessa história. E não queremos histórias do tipo “dramalhão”, em que os protagonistas sempre se debulham em suspiros e lágrimas... Ao contrário, queremos uma narrativa menos sonolenta, mais atrevida, não é mesmo? E é por isso que não está aqui a narradora mãe; senão a outra - a onisciente, “aquela que tudo pode ver” – uma narradora tão fantasma quanto intrusa.

Feito o introito, e acertado de quem será a voz dessa narrativa, começamos então pelo primeiro dos desafios da jornada que haverá de ser essa história: subir os degraus, que eram muitos (não sou capaz de lhes assegurar exatamente quantos). O primeiro, levava ao jardim. Os outros dois, à sala. Muitos outros, ao quarto.

A cena que ora descrevo com exatidão já começa antes que se possa avistar a escada, que subia longa, quase até o céu, com muitos, muitos desses degraus. Lá embaixo, ficavam o fofinho dos tapetes – vermelhos, persas, ou quase isso, eu acho. Também as cortinas voando branquíssimas e o cheiro da sopa quentinha - memória remanescente da avó. Em todas as direções, os eucaliptos, queimando na lareira. Nos braços, o presente dourado. Em pouco mais de um minuto, tudo já estava feito. Encontrava seu aposento real o belo pacote: “o menino-presente”. Dava-se o início de tudo, inclusive daquilo que já havia começado. Era abril.

Até esse ponto, a história parece que está seguindo muito bem... Não fosse o imenso detalhe: nela é preciso fazer constar duas outras memórias – uma no passado e outra no

futuro. Conciliá-las é o próximo desafio. Assim, com o absoluto consenso da mãe, coloco aqui os dois personagens faltantes, completando-lhe a prole de três.

Poderia seguir daqui minha narrativa, mas a mãe não me deixa. Inquieta, insiste em querer falar, não de um ou de outro filho da prole, mas de todos. Não me convenço e não lhe permito que fale, evidentemente. Está fora do trato! “Teria você se esquecido?”. “Não posso correr o risco de ter um texto piegas”...

Mas não tem jeito, ela insiste... Quer, porque quer! Concedo-lhe, então, uma única oportunidade, que ela agarra com força. “Pode sim entregar-me um bilhete, uma nota, algo que eu possa ler aqui, no meio da história que conto”...

Ela consente imediatamente. Entende que é tudo que pode ter no momento. Entrega-me, então uma página, com letras que dançam; muito novas para mim... Dizem assim:

Aos meus meninos-presente:

Que coisa é essa que é a saudade?

Começa com uma lembrança inofensiva, vai crescendo quente dentro da gente, tomando o lugar do nosso sangue, fluindo lenta e permanente. Com a nossa ingênua permissão, vai invadindo pela porta incapaz de se fechar e, quando nos damos conta, já estamos doentes dela.

Como fotos num infinito diário, ela desafia a memória – sempre perfeita e intacta nesses casos: aquela festinha na escola, os fios de cabelo cacheados, os joelinhos sempre ralados no mesmo lugar, a corrida de bicicleta no imenso gramado... E ah! Aquela voz que não nos sai dos ouvidos!

Também o menino pelado dentro da piscina! O cabelo raspado, que orgulho! O rádio! Ele não conseguia comer sem o rádio! A espada comprada na feira, o bombom que só tinha na esquina! A voz rouquinha e grossa... A fila do

portão de embarque! Nós três no avião! Logo, nós quatro no trem... Que delícia! Até aqui, apenas lembranças!

Mas o coração não se contenta, quer mais... Não basta a memória que acalenta, prefere a saudade que corta. Mas a gente permite, quer mais!

Afinal, como esquecer sem se emocionar: primeiro para fazer rir - num segundo que engana ser eterno; e depois, maldosa, para fazer chorar enquanto a gente durar.

O Segredo ou O Sorriso mais lindo do mundo!

Lilian Abdalla

Quando eu tinha uns 12 anos de idade, estudava num colégio de freiras em Niterói. Era um colégio tradicional com aulas muito desinteressantes, por isso eu vivia matando aula. Acho que eu queria era aprender outras coisas, sobre outros mundos, algo que não encontrava dentro das quatro paredes da sala de aula. Descobri que do outro lado do muro da escola, havia um asilo de velhos e um orfanato, ambos no prédio mais antigo da instituição. Pular o muro significava estar em outros mundos e foi assim que um dia, ao visitar o orfanato, fiquei muito impressionada ao ver todas aquelas crianças pequenas sem famílias. Naquele dia fiz uma promessa: adotaria uma criança!

Aos 6 anos de idade fui adotada por uma família num posto de gasolina. Explico: fazíamos uma viagem num fusca e, acreditem se quiser, a família inteira mais as bagagens cabiam naquele carro minúsculo. No meio da viagem, meu pai para o carro num posto e corre para o banheiro. Como eu era bem pequena, saí atrás dele sem que ninguém percebesse e fui para uma lojinha me perder no meio dos cristais, brinquedos de madeira, todo tipo de lembrancinhas e quando voltei à realidade, o fusca já tinha partido. Foram 5 minutos de adoção que me pareceram uma vida. A família “adotiva” me pegou no colo enquanto a minha família me procurava dentro de um fusca.

Me perdendo e me achando fui crescendo, tecendo o tapete da minha vida. Quando me casei, olhei para o meu marido e disse: Você tem cara que vai ser pai de duas meninas. Não sei se foi bruxaria ou desejo, mas tivemos, de

fato, duas meninas. Primeiro veio Mariana, em segundo, viria Mayra, mas ela veio em terceiro lugar. Acontece que um encontro mudou a ordem das coisas.

Conheci Raquel no pátio do prédio, aonde vivia com meu marido e nossa filha de 2 anos: Mariana. Eu descia com minha filha para tomar sol enquanto que Raquel descia com outra menina, amiguinha de Mariana. Raquel era bem bonita, baixinha, cabelos lisos, sorriso fácil, mas tinha vergonha de sorrir. Dizia que quando fosse eleição na sua cidade, Garanhuns, Pernambuco, ganharia os dentes. E desta convivência diária, ela pegou confiança em mim e um dia se abriu: “Vou te contar um segredo: estou grávida de 8 meses e ninguém pode saber. Escondo esse filho da família e da minha patroa. Estou procurando alguém para criar esta criança. A senhora sabe quem poderia adotá-lo?” A situação era complicada, já que sua patroa, também estava grávida de 8 meses: eram duas barrigas que cresciam, e Raquel temia perder o emprego. Além disso, ela havia deixado cinco filhos no nordeste aos cuidados de seus pais. Mas que me chamou mais atenção nisso tudo foi quando me perguntou: “Você conhece alguém que queira adotar uma criança?”

E menos de uma semana estava tudo resolvido. Soubemos que seria um menino e escolhemos o seu nome. Raquel se mudou para minha casa e a vizinha arrumou uma substituta antes que os bebês nascessem. Corri atrás das roupinhas,

mamadeiras, quase tudo pronto. Ainda tinha Mariana que não entendia como teria um irmão se minha barriga não crescia como a mãe da sua amiguinha.

No dia dos mortos, no feriado de finados, nasce Michel com 4 quilos! Lembro que acordei bem cedo, peguei o carro e fui para o hospital para ver o meu filho. Eu seria a mãe, mas vivia a experiência de ser pai. Estava super ansiosa em ver o filho que seria meu. Cheguei cedo demais, fui tomar café

num bar que ainda não estava aberto. Não vi a porta de vidro fechada, dei uma pancada na testa, os meus óculos afundaram na minha cara – levantou um calombo ao lado do meu nariz que ficou lá por uns dias. Depois, esqueci aonde havia estacionado o carro e foi um sufoco voltar para casa. Mas consegui chegar na recepção da Maternidade São Paulo como visita, eu ainda era coadjuvante nessa história. Chegando no corredor do berçário, pedi para que me mostrasse o garoto e levantaram o bebê do outro lado do vidro que nos separava. Levei um susto! Às vezes os bebês não são tão lindos nos primeiros dias...ele tinha uma cara bolachuda, a cor da pele ainda era indefinida. Mas o que mais me impressionou foi o tamanho do bebê, porque Raquel, a mãe biológica, era uma tampinha, mais baixa que eu. Michel foi um bebê que já começou a vida com manequim P! Tivemos que nos desfazer de todos os macacões RN (recém nascido).

Hoje, é um homem com seus 29 anos e 1,83 metros. Quando ele me apresenta para alguém é comum comentarem: “Nossa! essa é sua mãe?” Ele sempre responde com um sorriso largo e maroto, como que guardasse o nosso segredo com carinho. Michel tem o sorriso mais lindo do mundo!

.... de amor, raízes e asas

Sandra Regina de Souza

Entardece definitivamente, o início da noite se aproxima e a luz convida a uma viagem gritantemente silenciosa e necessária.

Chego à metade da minha vida pretendida em outubro próximo, mês das crianças e de Nossa Senhora Aparecida. Sou apegada com Nossa Senhora e devota mesmo de São José. Como todo mundo, um dia nasci, a luz do amanhecer é outra, ilumina, alegre, chega fresquinha e aquece. Entre o amanhecer e o final da tarde da minha existência são quase cinquenta anos. Em um átimo qualquer a vida pode começar ou se encerrar, mas em meio século, quanta história meu Deus!

Desde que cheguei por essas paragens vivi com livros e nos livros, tantas vozes contaram histórias antes que eu pudesse contá-las sozinha, antes que eu pudesse habitá-las. Vozes femininas predominantemente. Sou feita de histórias, silêncios e saudades, histórias lidas nos livros, histórias de família, histórias das crianças que moravam nos adultos que eu tanto amava, histórias inventadas.

No começo de uma boa história há bem querência, garantida por meus pais, meus avós e minhas tias. Para os diálogos e as aventuras é preciso companhia, um ano depois da minha chegada aterrissa no mundo minha irmã, a melhor companheira de infância que alguém podia ter, com ela brinquei muito e apreendi a partilha da vida! Com muita luz, afeto e rega adequada minhas primeiras raízes foram ganhando corpo e profundidade e meus sonhos, asas.

Sempre tive amigos, desses que são puro amor de escolha e nos muitos e sempre pulsantes projetos que eu desenhava para arremessar ao futuro, não estava nem uma vida com filhos, nem casamento. Na família eu não era

exatamente a adolescente com quem você deixaria uma criança, exceto se ela estivesse de castigo. Nunca fui dada a abobalamentos com crianças, sempre tive por elas um profundo respeito, o que era, no mínimo, mal interpretado. Jeito bonitinho que arranjei para confessar que não tinha lá muita paciência com criança.

Sabia que queria ser médica precocemente, era mais forte do que eu, muito encantamento por tudo que imaginava ser a medicina e muito de sonhos compartilhados, não havia nenhum médico na família, lá vem mais raízes. Esforço, dedicação e muita persistência, passei no vestibular, cursei medicina. No primeiro dia do primeiro ano, quando precisamos ser legais, seguros e interessantes, declarei: não sei o que vou fazer, mas não serei nem ginecologista e obstetra, nem pediatra. No final daquele ano decidi que seria psiquiatra infantil. No quinto ano decidi fazer pediatria antes da psiquiatria, era mais seguro e teria uma formação mais sólida.

Na fronteira entre o fim da manhã e o início da tarde a luz é muito mais quente, amigos chegam e partem, amores acontecem e desacontecem, nos damos conta de que há um enorme desequilíbrio entre a profundidade das nossas raízes e o tamanho das nossas asas, o amor a ser descoberto e conquistado parece ser o amálgama para não desintegrarmos.

No início da tarde o sol é muito forte, a luz chega a incomodar muitas vezes. Chegou o esperado sexto e último ano de faculdade e em um lindo e decidido voo de despedida, engravidei. Levo alguns minutos para avaliar o tamanho e a potência das minhas asas e a profundidade das minhas raízes, em alguns meses serei mãe. Meu pai sentencia: você nunca mais será sozinha e conhecerá o medo olho no olho. Ele estava feliz com a ramificação das suas raízes, eu senti o

peso das penas novas das minhas enormes e independentes asas.

No meu último dia de aula para coroar de êxito e luz plena o meu início de tarde, nasce a minha filha, no primeiro olhar reeditei uma saudade que não sabia que carregava. Tinha no meu colo e sob minhas asas o meu maior amor do mundo. Como mãe, era a melhor versão de mim, como pediatra ocupei meu lugar no mundo. Segui contando e inventando histórias, ensinando minha filha a amar o humano, os livros e a vida.

A tarde avança mais um pouquinho e distraída que estava com as dores da minha irmã seguia esquecida da promessa pendente de dar um irmão à minha filha. Trabalhando, encontro o meu outro maior amor do mundo, agora sem o meu pai, já não era mais sozinha e acreditava já ser íntima do medo. No primeiro olhar que trocamos, ele era meu desde sempre, eu era irremediavelmente dele, dois meses de tormentas e a juíza oficializou o que o universo já sabia e meu coração nunca duvidou, ele era meu filho.

Como somos desatentos e confiantes na calma da tarde... aos trinta e quatro anos, bem-sucedida na profissão e feliz com a maternidade seguia fortalecendo raízes, multiplicando o amor e vendo crescer as asas. Quando a luz parecia suavizar descubro por um telefonema de trabalho que uma parte do meu coração e do melhor de mim, já era nascido e até aquele momento vivia fora e longe de mim. Há muito eu não era sozinha, mas ali soube o que era olhar nos olhos do medo, quanta razão tinha meu pai. Após um tsunami de emoções e mais burocracia encontrei com meu terceiro filho e maior amor do mundo e assim que trocamos o primeiro olhar éramos um do outro desde sempre e até sempre, me enrosquei nele como só um ser alado pode fazer.

Hoje, quando o final da tarde se aproxima, com tantas cores, a luz suavizada ilumina o registro do meu diário de

bordo onde está documentado que o melhor do meu coração vive fora de mim. Embora seja árdua a tarefa de fortalecer raízes sem cortar as asas, sigo multiplicando o amor, segura na profundidade e na força das minhas raízes e retribuindo o abraço apertado do tempo com as minhas enormes asas.

Infância

“Toda invenção é memória. Quem nos arranja os materiais é a memória. As tais coisas de que a gente não fala e aparecem nos livros, de maneiras desviadas.”

António Lobo Antunes

Menino de apartamento

André Carvalho de Freitas

Os mais sábios dizem que os escorpianos vêm ao mundo para preencher uma perda no núcleo familiar. Pouco antes dessa profecia se realizar perdi um primo com idade de dois anos, envenenado por soda cáustica, um acidente doméstico, família em prantos e logo desperto neste mundo para amenizar as dores e trazer um pouco de sorrisos e renovar lembranças em todos.

Desde bem pequeno, achava que o mundo era muito maior que o sobrado no final da rua sem saída, poucas casas e muitas crianças, em que sobrevivi em minha tenra infância.

Perguntava a minha mãe, cheia de afazeres domésticos, com 3 meninos pra cuidar, se podia brincar na rua com aquela garotada. Mãe zelosa, que adorava uma barra de saia, dizia: “Nada de rua, só tem maconheiro aí fora! Tá quente hoje! Vou encher o terraço de água pra vocês nadarem.” E, de pronto, tínhamos uma piscina olímpica com 5 centímetros de água quente por conta dos ladrilhos cor de barro do piso sobre a garagem de um carro.

E se estivesse frio, podíamos brincar no quartinho do fundo com engradados e garrafas de Gini, bugigangas e uma máquina de costura manual.

Em pouco tempo, mudamos para um apartamento maior. Nada de rua sem saída, nada de maconheiros, nem playground, só uma janela e o mundo lá fora.

Já mais velho, ouvindo as estripulias de amigos, com pé na lama, banho de chuva e braços e pernas quebrados, me diziam: “Você era menino de apartamento!”

Mas tudo o que via me fazia sonhar quieto e pressentia um destino maior. Personalidade forte, defensor de minhas

querências, mas fisicamente fraco: asma, bronquite, escarlatina, rubéola, meningite, tinha os chacras mais abertos da humanidade. Recebia o mundo não pelos olhos, mas pelo coração.

E lá dentro o bem prevalecia: “quero ser padre ou bombeiro”, dizia com maturidade aos 6 anos de idade. Infelizmente a carne era mais fraca do que pensava e nunca fui tão corajoso assim.

Infância sensível, adolescência quieta. Sempre observando os outros, nunca a mim mesmo. Estudioso, decidi fazer administração aos 17 anos para desespero de meu pai: “Eu não preciso de um administrador, preciso de um Engenheiro!!!!” – esbravejava pela casa... Meus irmãos, engenheiros, seguiram carreira-solo e logo depois de formado fui trabalhar com meu pai, durante 19 longos anos. Segurei várias ondas, alguns maremotos, sustentei o sonho dos outros, meu pai doente, transplantado e fui deixando a vida passar. Aos 23 casei, aos 28 me separei, fiz terapia, aos 30 beijei pela primeira vez um homem e tive dois longos relacionamentos.

Aos 40 entrei em crise, me questioneei, abandonei toda a segurança da empresa pela busca da minha verdade, que encontrei aos 42 anos no Coaching, um caminho de propósito que me levou a ser um estudioso de gente.

E posso não ter me sujado tanto gostaria quando pequeno, mas aproveitei a visão da minha janela para absorver, sentir e hoje ajudar a melhorar o mundo de todos.

O menino de apartamento virou o homem do mundo.

Paredão

Marina Izidoro

O sol ardia naquela manhã de verão da minha infância. Era 1968. Estava no segundo ano escolar. Morávamos na periferia de Santo André, cidade industrial da Grande São Paulo. As ruas eram de terra e cheias de rachaduras, algumas tão largas e profundas que obrigavam a gente a dar pequenos saltos durante a caminhada. As casas eram simples, mas bem arrumadinhas. A maioria construída pelos próprios moradores, com a ajuda de um pedreiro experiente.

Seu Francisco era um deles. Alto e magro, de fala mansa, ele vivia cantando enquanto assentava um tijolo sobre outro ou alisava com aquela colher triangular com cabo de madeira a massa que aos poucos ia depositando no chão. Com óculos de lentes grossas e armação preta, já meio desbotada, Seu Francisco se tornou um grande amigo. Ele me via e ia logo cantando: “Marina, morena, Marina, você se pintou...”.

Naquele dia, porém, não houve tempo para isso. Voltava a passos lentos de menina despreocupada da mercearia do Seu Manoel quando algo despertou a minha curiosidade. BRASIL – ABAIXO A DITADURA! A frase, escrita em preto e vermelho, chamava a atenção na imensa parede lateral da farmácia, recém-pintada de branco. Apressei o passo para chegar logo em casa e dei de cara com o Seu Francisco.

-- O que é ditadura? -- perguntei. Pela primeira vez, vi meu amigo engasgar. Ele franziu a testa, me olhou por cima dos óculos, e disparou, em tom de preocupação:

-- Não fica dizendo isso por aí, menina! É perigoso!

A conversa foi longa, cheia de interpelações da minha parte sempre que Seu Francisco dizia alguma coisa que eu não entendia: militares, golpe, comunistas e por aí afora.

A conversa só foi interrompida pelo grito da minha mãe: -- Cadê o óleo, Marina? -- Entrei em casa, entreguei a encomenda, mas aquilo tudo não saía da minha cabeça. Não via a hora que meu pai chegasse do trabalho. O tempo passou lento, mas ao ouvir o trinco do portão, saí em disparada:

-- Pai, pai... Sabe o que eu aprendi hoje?

-- O que, minha filha?

-- Que o Brasil é uma ditadura.

-- Quem te disse isso, menina? – ele retrucou, agora com a cara fechada.

-- Ninguém, pai. Estava escrito na parede da farmácia.

-- Menina, você não pode ficar falando isso por aí, muito menos na escola. Se a professora perguntar qual o regime político do Brasil, diga que é democracia.

-- Democracia? Mas o que é democracia? – perguntei.

Outra conversa longa: urnas, votos, eleições, presidente... Por fim, já impaciente, perguntei:

-- Pai, e quando é que eu vou votar?

-- Quando você tiver 18 anos. – respondeu ele.

Meu pai ficou me olhando e tratou logo de mudar o rumo da conversa. Eram tempos duros e o medo não dava trégua. Para a menina, porém, bastava saber que esse dia chegaria quando ela tivesse comemorado tantos aniversários quantos pudesse contar nos dedos das duas mãos.

Ossos da Memória

Ramon Sanches

2017 não tinha começado direito quando meu pai sofreu um tombo que lhe rendeu uma patela quebrada – aquele osso do joelho que parece um sabonete. Pronto socorro, raio-x e a notícia de que precisaria passar por uma cirurgia. Veio a internação e em pouco tempo quis o “Grande SUS” que a cirurgia fosse em um hospital lá no bairro do Pari.

No dia da cirurgia, e enquanto eu aguardava, o tempo brincava de não passar. Próximo ao meio-dia decidi sair e andar pelas ruas do velho bairro para enganar o tempo. As lojas de confecções e os camelôs tomavam conta do cenário, enquanto velhos sobrados geminados resistiam pacientemente por entre os espaços. Na praça da igreja Santo Antônio do Pari, os pombos e algumas pessoas conversando, porém o parquinho com gangorra, gira-gira e escorregador havia sido removido. Que pena, um dos poucos espaços do bairro que era de domínio das crianças. Andando mais um pouco, encontrei um restaurante sírio, administrado por refugiados sírios aqui no Brasil. Logo agora, que a Síria ocupa espaço dos noticiários devido à guerra.

Foi exatamente nesse bairro onde passei a minha infância. Naquela época as ruas também acolhiam pessoas de muitos lugares, eu lembro das lojas dos judeus, das oficinas dos árabes e coreanos. Além dos bolivianos e nordestinos fazendo todo o tipo de trabalho. Era uma torre de babel sem andares, com direito a mendigos e loucos para compor o ambiente singular.

Nessa mesma época, outro fato curioso. Eu passei por algumas cirurgias ortopédicas também. Corrigir os meus pés, que nasceram tortos, foi o desafio familiar daquela época. Foi

a chance de viver um tempo mais lento e com ele, dar mais atenção para as peculiaridades que me rodeavam. Inclusive uma mulher que se destacava entre os personagens peculiares do Pari.

Todos os dias, numa esquina da rua de casa essa mulher discursava. Como era o caminho de ida e volta da escola eu religiosamente a observava, falando alto e discursando para ninguém ouvir. Frases desconexas e sem sentido, que, às vezes se repetiam apenas mudando de ordem.

Porém, sempre que ela decidia que o discurso devia ser terminado, utilizava uma frase de efeito. Uma espécie de bordão: “É azul, é vermelho e é dourado!”

Invariavelmente era assim que ela terminava as suas “conversas-consigo-mesma-em-voz-alta”. Que sem falar com ninguém, falava com todos. Ou pelo menos falava comigo, ainda pequeno.

Lembro que começamos a utilizá-la em casa. Sempre que uma conversa se alongava e se aproximava de uma discussão, alguém decidia que deveríamos parar e logo repetia com ênfase: “É azul, é vermelho e é dourado!”

Termino meu almoço no pequeno restaurante sírio, no bairro da minha infância. Volto caminhando para “o hospital, onde o som das serras cortando os gessos continuam trazendo lembranças.

Na mente a certeza de que a vida é um ciclo de infinitos azuis, vermelhos e dourados.

O Natal ou Meu último Papai Noel

Rosita Flores (Rosana de Cássia Paulo Garcia)

Véspera de natal do ano de 1977. Eu era uma menina de seis anos de idade e meu irmão tinha quase nove. Mas, essa história não começa nesse dia, não. O natal, lá em casa, começava bem antes disso. Uns dois meses antes, quando minha mãe levava a gente em uma dessas lojas grandes, que tinham preço bom e variedade de brinquedos de cansar os olhos. Ela nos deixava passear pelos brinquedos e depois pedia para que escolhêssemos algum deles e o Papai Noel levaria na noite de natal. Eu e meu irmão acreditávamos com todas as nossas forças, que um homem barbudo, vestido de vermelho, descia pelo céu com seu trenó guiado por renas e entrava pelo vão que tinha no teto da sala da nossa casa para nos deixar presentes. Era tão bom acreditar assim! Mas, uma pena a gente nunca conseguir vê-lo.

O dia começava cedo com minha mãe preparando as gostosuras para a ceia. Ela sabia bem aguçar nossa gulodice e arrumava a mesa com delícias que só comíamos nesta data. Tinha pernil, arroz com nozes, castanhas, bombons de montão, frutas passas, mousse, balinhas com licor dentro (ai que delírio!) e um punhado de outras coisas. Era para comer e se fartar. E eu comia que até passava mal. Todavia, a gente só podia comer depois que os fogos riscavam o céu anunciando o natal. Momento duplamente aguardado, porque também era a essa hora que o Papai Noel marcava visita na minha casa e na casa de todas as crianças do mundo. Assim eu pensava, e era um pensamento tão bom.

Minha mãe, que sempre foi muito sabida, deixava a gente brincar bastante até ficarmos exaustos. Lá pelas nove da noite, ela nos colocava para tomar banho e depois...

Cama! Fazia parte de seu plano para que continuássemos acreditando no barbudo das renas. Minha mãe nos colocava para dormir com a promessa de que, quando o Papai Noel chegasse, ela viria nos acordar. Porém, isso nunca acontecia. Ela sempre vinha nos chamar quando o bom velhinho já tinha ido embora. Até essa data, seu plano tinha sido um sucesso. Ela usava bons argumentos para o fato de não ter conseguido nos acordar a tempo e, até o momento, não tinham deixado dúvidas em duas crianças pequenas.

Montar a árvore de natal revelava outra alegria: bolas vermelhas na árvore verdinha com uma estrela dourada no topo. Conforme os dias se passavam ela ficava toda enfeitada com os cartões que familiares e amigos enviavam. Era tanto desejo bom que vinha dentro.

Naquela véspera de natal, quando minha mãe nos mandou ir para a cama com a mesma promessa de sempre nós obedecemos, mas não cumprimos. A gente ficar acordado foi ideia do meu irmão, que por ser mais velho, começava a desconfiar da existência do tal Noel. Ficamos no quarto escuro conversando baixinho para nos mantermos acordados e descobrir, finalmente, quem colocava nossos presentes na árvore. Cabeça de criança é mesmo cheia de fantasia, né? Imaginávamos o Papai Noel com suas renas descendo pelo vão do teto por uma grande escada, meio atrapalhado com tantos pacotes de presentes. Podíamos até vê-lo colocando os nossos sob a árvore com todo cuidado. Quem sabe até passava pelo nosso quarto rapidinho para dar sua bênção e então continuar sua missão.

Foi então que ouvimos um barulho vindo da sala. Levantamos da cama com cuidado, abrimos a porta do quarto com uma tensão muda e caminhamos, pisando em ovos, até lá. Para minha decepção, não havia vestígio nenhum do Noel. Na sala estava apenas a nossa mãe, ajeitando com todo carinho sob a árvore de natal, a minha

boneca Dorinha. Eu e meu irmão nos entreolhamos sem nada dizer. Voltamos para o quarto antes que mamãe percebesse a nossa presença.

Quando os fogos iluminaram o céu, minha mãe veio nos acordar. Ela chegou dizendo que o Papai Noel tinha passado muito rápido enquanto ela estava ocupada na cozinha. Eu e meu irmão trocamos olhares cúmplices, nos levantamos e fomos correndo até a sala para nos certificar se o papai Noel tinha acertado os nossos presentes.

Literatura

“Aquele que não tem memória arranja uma de papel.”

Gabriel Garcia Marques

Um Mundo para chamar de meu

Eduardo Alves

Lembro da primeira vez que vi uma janela que parecia ter 3 vezes o tamanho do meu pai, a pessoa mais alta que conhecia até os meus 8 anos de idade. Ela ficava na escola, na minha sala de aula, e era formada por quadrados de ferro pintados de azul, preenchidos por um vidro transparente. Nem sempre limpa como a da casa da minha mãe, mas a maior pela qual eu já tinha tido a chance de ver o mundo.

E dali, com a sala vazia, enquanto escutava a professora dizer para a minha mãe “seu filho é um bom aluno, mas ele vive no ‘mundo da lua’”, imaginava uma cidade lá fora, cheia de desafios dos quais não cabem na cabeça de uma criança.

A expressão Mundo da Lua passou por mim diversas vezes. E acho que o ‘mundo’ que vivia nunca me deixou entender ou me abalar. Na época eu nem sabia, mas na minha cabeça tudo já se formava em 3D. A professora não entendia, mas por aquela janela eu já via o mundo colorido e ganhando diferentes formas nos meus pensamentos. E tinha que ser assim mesmo, elas só podiam existir ali, naquele quadrado de vidro, na minha caixola. E ninguém mais, nem minha mãe, podia vê-las, senti-las ou imaginar que existiam.

Aos 9 anos, meus pais se separaram. Mudamos de casa, de vida. A minha história tomou outro rumo. Ou o caminho que já era dela. Me vi sozinho, todas às tardes, depois da escola. Dona Rosa, minha mãe, tinha que dar conta de tudo por ali e minha irmã aproveitava a juventude que despontava aos 18 anos. Desse jeito, a minha casa se transformava e ali eu viajava pelo meu mundo. O lápis de cor formava o caminho que levava até uma grande fábrica. Os super heróis,

na minha história, eram pessoas comuns, como pais e mães, grandes empresários.

Certa vez, mergulhado no sofá de casa, apenas com o som da TV ao longe, fui transportado para a adultice. Lá, eu era importante, as pessoas precisavam falar comigo para tomarem decisões. Eu tinha uma mesa grande, rodeado de canetas - ah, como eu amava canetas - e papéis. Passei uma porção de tempo ali, conversando e me sentindo importante. Outra vez, fui parar numa cidade do interior. Lá eu tive a minha primeira fábrica (de porcelanas). Eu morava com muitas pessoas numa casa muito grande, com quintal por todos os lados.. Mas um crime havia acontecido lá. E eu, como esperto que era, tinha o dever de descobrir. Voltei muitas vezes nessa história cada vez que me debruçava diante da janela ou no chão do meu quarto até conseguir descobrir quem foi.

Numa noite, após um amigo da minha irmã ir embora, vejo um livro. Ele esqueceu algo. Comecei a folhear aquela ficção, cada vez mais curioso com seu conteúdo. Naquele emaranhado de folhas presas por um fio ao centro morava uma história. Esta que não foi criada por mim - mas é muito boa - pensei. Era Agatha Christie em “Um convite para um homicídio”. Minha primeira grande descoberta literária.

Em pouco tempo, li. Reli. E fui buscar mais. Vi numa pequena biblioteca escolar inspiração para popular ainda mais meu ‘Mundo’, aquele “da Lua”. E ali fui fazendo mais histórias brotarem no terreno fértil da imaginação.

Anos depois, lembrando essas memórias, me dou conta de como elas formaram a pessoa que sou. O que me instiga, desperta, inspira. Vejo histórias nas pessoas porque naquele momento, vi que eram possíveis de serem expressadas. Na escrita, depois em outras formas. Além de imaginar, passei a ler histórias. Me tornei ouvinte ávido de cada uma que chega até mim. Ainda sigo registrando as

minhas, elas trazem parte do que vi, senti e ouvi ao longo do tempo, de forma consciente e inconscientemente.

O menino Mundo da Lua segue comigo, vivendo protegido entre personagens, sensações, cores e traços que um dia criou.

História sem fim

Rodrigo de Moura

Assim que aprendi a ler descobri uma paixão. Lia tantos livros quanto encontrasse e minhas histórias prediletas eram as de fantasia. Boa parte do meu tempo livre era na sala de leitura da escola ou em casa viajando por outros mundos, outros tempos. Hoje ainda tenho grande amor a eles e acabo por adquirir mais volumes do que consigo ler (ou armazenar). Foi perto dos meus 10 anos de idade que li o meu primeiro livro de “criança grande” e que ainda ocupa o lugar de favorito, mesmo tendo-o lido inúmeras vezes desde então: A História sem Fim – que conta a história de Bastian Balthazar Bux, um garoto um tanto solitário que começa a ler uma história e passa a fazer parte dela. No decorrer do livro, Bastian descobre que tem o poder de criar tudo que ele pudesse imaginar. Não só isso, uma vez criada uma nova possibilidade de mundo era como se isso sempre tivesse sido assim. As invenções da mente tem outro tempo onde o presente, passado e futuro dançam juntos. Após me dar conta dessa possibilidade queria eu ser Bastian e ter seu poder maravilhoso.

Bastava olhar um pouco para os lados para ver que eu não estava em Fantasia e que não era tão simples criar novos mundos. Mas uma coisa nunca saiu da minha cabeça: ser como Bastian. Habilidade para trabalhos manuais como eu era, fazia um pouco de tudo para trazer para o mundo uma pequena amostra da minha mente efervescente. Desenhos, pinturas, maquetes, brinquedos, jogos. Aprendi a cozinhar inventando sabores. Descobrimo cheiros, cores e texturas. Pequenos prazeres da criação no cotidiano. Porém a derradeira pergunta feita a toda criança, cedo ou tarde chega e comigo não foi diferente: o que eu deveria ser quando crescesse? Ser como Bastian a cada ano que se passava se

tornava menos razoável para os padrões sociais vigentes. O jeito mais próximo de realizar esse sonho era virar arquiteto e poder construir as minhas invenções, e assim foi. Durante o curso de arquitetura descobri que não só poderia projetar casas, lojas, prédios, mas cidades inteiras e nisso me concentrei. Fazer cidades. Mas não cidades feitas apenas de pedra, mas de pessoas, suas histórias, sonhos e afetos. Fazer o invisível se tornar visível através dos meus traços.

Com o passar do tempo, logo após me formar, uma professora e amiga querida me convidou para um evento de um dos seus vários projetos. Neste caso uma praça no centro da cidade. Nesse dia conheço uma moça que sem saber mudaria os rumos dessa história. Ela tinha um projeto para escutar crianças e tornar seus sonhos reais. A ideia era projetar aquele fragmento de cidade com as crianças. Talvez, de algum modo, também um fragmento do meu sonho. Tomo coragem (não coragem por falta de medo, mas um desejo maior que o medo) me proponho a mapear os afetos do bairro, aqueles invisíveis que falei. Ela, com certa dúvida acerca do que eu lhe falava, topou, mas fez uma exigência: que isso fosse feito com as crianças. Parecia aquele sonho distante da infância começava a se realizar. Só havia um detalhe importante: eu odiava crianças.

Diante daquele momento, lembro das palavras do Sr Koreander quanto Bastian quebra o silêncio de sua livraria ao entrar encharcado da chuva fugindo dos outros meninos: “Eu não gosto de crianças. Sei que está na moda fazer um grande alarido quando se trata de vocês... Mas comigo, não!”. Sempre despreocupadas, as crianças quebram as ordens e protocolos com naturalidade. Com as mãos sujas, não tem pudor de te abraçar mesmo quando veem sua roupa limpinha. Falam alto o suficiente para serem ouvidas. Gostando ou não de algo ou alguém, não demora muito até

que todos saibam suas opiniões. Seu tempo é o presente e o valor das coisas que estão em outros tempos ainda não é tão grande assim. As fronteiras do mundo são feitas na cabeça dos homens e as crianças ainda não construíram as suas.

Então, poucas semanas depois desse evento lá estava eu frente a frente com as crianças. Um tanto apavorado, por sinal. Com toda a minha formalidade e distanciamento, ecoavam na minha cabeça as palavras da reunião anterior ao trabalho de campo onde perguntei “o que eu faço se uma criança me abraçar?” Uma pessoa responde com um espanto, que fiquei sem entender por muito tempo: “você abraça de volta, ué!” Não demorou muito para que o abraço viesse. Um abraço diferente de qualquer outro que eu já tenha vivido. Como se minha alma fosse inundada pelo que há mais bonito nesse e em todos os outros mundos que eu já havia visitado. Meu corpo se tornou leve. Nem parecia estar no chão e o riso escorregou para fora de minha seriedade para iluminar meu rosto. Naquele momento eu não era mais o mesmo. O medo e aversão que eu tinha deram espaço a novas emoções e sentimentos como alegria, felicidade, vontade de cantar, pular, dançar. Sinto que fui transformado pelas crianças para sempre. Um acaso do destino (ou não), a também conhecida por Senhora dos Desejos, a soberana do reino de Fantasia que concedia os poderes de Bastian se chamava Imperatriz Criança.

Almar os livros

Tales Gubes

Quando criança, eu vivia para os livros. Meu sonho de gente adulta não era astronauta nem estrela de rock, era escritor famoso, daqueles que todo mundo lê e sabe quem é. Acho que queria isso porque passava meus dias trancado em casa sem conviver com seres humanos de verdade, só com imaginados. Eu pouco sabia ou queria saber do tal mundo real, minha fantasia me bastava.

Foi com esse espírito de autossuficiência que fiz minha primeira história. Em quadrinhos, heróis de palito e efeitos especiais coloridos à mão. Todo serelepe, mostrei ao meu padraço, que pegou para ler com atenção e cuidado. Meu caderno espiralado de folhas finas nunca havia saído das minhas mãos, aquela empreitada pelos olhares de outra pessoa era de uma ousadia sem igual, uma aventura num mundo novo.

“Os seus personagens não têm alma”, ele me disse, “porque você não tem alma”.

Durante anos mastiguei aquelas palavras tentando saborear seus sentidos, mas ainda me faltava um tempero que não sabia bem qual era. No colégio, eu era a única viva alma interessada na escrita. Um colega certa vez brincou que seu filho, anos no futuro, teria como leitura obrigatória um livro escrito por mim. Escrevi uma história sobre gente apaixonada igual nas novelas e filmes; minha professora disse que eu tinha um estilo machadiano. Eu escrevia sobre tudo o que imaginava e imaginava sobre tudo o que lia, via e ouvia, mas nada que fazia – porque não fazia nada.

Entre na faculdade de jornalismo certo de que minhas palavras alcançariam o mundo. Que lugar melhor para virar escritor? Que lugar melhor para conhecer outras pessoas

que, além de escreverem, também tinham vidas próprias? Que iam a bares, viviam romances de verdade, não só imaginados, e sabiam conversar entre si? No segundo semestre, escrevi um texto que julguei fofo. A professora leu e não conteve palavras: “eu esperava mais de ti”.

Eu também esperava, mas como não encontrei, desisti da escrita. Seria feliz entre os livros que já haviam sido escritos. Não precisava fazer nada, podia me contentar com as ficções. De livro em livro, encontrei por acaso um sobre um campo de conhecimento emergente. Decidi estudar aquela tal de cultura visual e virar professor. Quem sabe assim eu pudesse tocar a vida dos outros para que vivessem o que eu não vivia. Voei de Porto Alegre a Goiânia num impulso e caí numa vida sem família, amigos nem ninguém. Eu estava em um lugar no qual pessoa alguma sabia das minhas histórias, dos meus anseios de escritor famoso, das minhas decepções de não ser bom o bastante.

Comecei a reescrever minha história. Seria educador, mudaria vidas dentro da sala de aula. Mudei minha vida foi no quarto, no bar e nas festas. Também entre os livros, companheiros de estudos e depois de ensino. De aluno, virei professor, mas ainda algo me faltava.

Um dia ouvi falar sobre um concurso para novos escritores em uma editora gaúcha. Não dediquei muito pensamento, eu já sabia que não era bom o bastante para ser um escritor publicado, que dirá famoso. Pelo menos até um livro desta editora me cair nas mãos. Se tinha alma, não sei dizer, mas odiei cada palavra. Se aquele livro havia sido publicado, eu certamente poderia fazer melhor. Encontrei um fio de história no meio de tudo o que não vivi. Revisitei memórias de uma escola sem amigos e de tristezas que eu gostaria de ajudar outras pessoas a evitar. Fui publicado uma vez, depois mais uma e então mais outra. Descobri que minha vida e minha história tinham valor.

Depois dos três contos publicados, achei que estava pronto para voltar à escrita. Deixei Goiânia para trás rumo a São Paulo tendo em mente apenas a vontade de escrever. Soube de um curso de empreendedorismo através do autoconhecimento e me inscrevi. Nele, olhei para dentro em busca do que eu queria: estar com pessoas para criar e viver histórias. A fim de fazer isso, inventei um Ninho de Escritores, um lugar para acolher pessoas que, como eu ainda criança, querem escrever. Sem medo, sem julgamento, sem abandonos.

Comecei cheio de medos: de não ser bom o bastante, de errar, de estar vendendo algo que eu não conseguiria entregar. Continuei mesmo assim porque encontrei no meu trabalho e na minha escrita algo que até então estava faltando. Esse tem sido meu trabalho nos últimos dois anos: o de dar à luz livros e histórias com a alma que encontrei no amor que sinto pelo que crio e por quem acolho.

Questões existenciais

“A memória é a consciência inserida no tempo.”

Fernando Pessoa

O Vazio e o Mundo

Diego Silveira Paim

Se eu puder dar um conselho a vocês, logo lhes digo: Nunca tire o dente do ciso antes de uma viagem, ainda mais para um lugar desconhecido. O mês era Março, o ano era de quando tinha 21 deles. Eu lembro de pensar com as vísceras: Eu preciso sair daqui. Veja, não é que o que estava vivendo era ruim, triste ou vazio. Não é que a faculdade em São Paulo andava mal, que a vida em Guarulhos era enfadonha ou que morar com a minha mãe fosse um incômodo muito grande para mim.

Era só que eu simplesmente tinha que sair dali, era uma sensação urgente, serena e óbvia que foi se construindo em mim e...bom...um dia, eu era esta decisão. Ela me tinha por inteiro.

Dei a mão para esta decisão e caminhei pelo globo em busca de um lugar para ir. Eu tinha somente um critério para esta jornada: Um lugar que não conhecesse, fosse pequeno (minúsculo se possível) e, acima de tudo, um lugar que nunca tivesse ouvido falar antes. Para mim, este lugar deveria não existir. De preferência deveria ser longe, muito longe.

Comecei a procurar o tal país. Olhei os mais estranhos e os mais familiares. Caí pelos estranhos. Os improváveis, os sombrios, aqueles que ninguém queria ir. Sentia que a decisão estava próxima. Em meio a diversos nomes estranhos picotados em folhas de papel, o meu estava ali. Era o sorteio da vida, o acaso revirando meu futuro e aqueles nomes todos, e restaram dois. Só dois. Era para um desses que eu iria, e somando ambos, não dava o tamanho de dois bairros de São Paulo. Logo a decisão foi tomada, e anunciada para a família: Pessoal, vou viajar para a Eslovênia, morarei

lá, e a passagem já foi comprada. “Eslo o que?!” bradava o pai. “Mas filho..” lamentava a mãe. ES-LO-VÊ-NI-A. Eu queria o desconhecido, o vazio, queria que a vida me surpreendesse, até me maltratasse, se fosse este o destino.

E decidi não descobrir nada sobre este lugar até estar lá. A ignorância era meu impulso para esta jornada. Não sabia a língua que falavam, aonde ficava, o nome da capital tampouco como se alimentavam. Nada disso importava. Pensava: “para que descobrir daqui, se posso descobrir de lá?” Faltava um mês. A muito custo esta ignorância foi sustentada, vivia o vazio da viagem, o abençoado vazio. Duas semanas. Amigos vinham a mim com informações, querendo preencher o vazio que havia deixado – isso era descabido para eles. Meus familiares lutavam – em vão – para que descobrisse alguma coisa – qualquer coisa – antes do embarque. Fui estátua, mantive-me.

Como um guerreiro, resisti. Dois dias. Malas prontas, passagem na mão, quarto vazio. Um Dia. E só me faltava uma coisa, ir ao dentista arrancar um dente do ciso. Chego no dentista. Luz fria. Cheiro de látex das luvas. Barulho de sugador. Motorzinho. Insufilme pegajoso na cadeira. Eu deitado, de boca aberta, preso na cadeira e o dentista tentando falar comigo – dentista agora fazer isso: Viu, eu assisti semana passada um Globo Repórter sobre esse tal país aí que você vai, você sabia que lá o pessoal fala isso? Olho estranho. E a língua é aquela? Tremo. E a capital.... meu olho se enche de pânico, aquelas palavras entrando pela minha boca, esboço gesticular um não com a cabeça, em vão. Tento falar, nada sai, me desespero. Até que em uma tentativa final seguro fortemente o pulso do dentista, com a mão suada. Ele me olha assustado. Sinalizo uma forte negativa com a cabeça, olhando no fundo dos olhos dele. Era minha última chance. Ele faz uma cara de interrogação e fica mudo. Meu coração alivia, o silêncio me protege. Meu dentista sabia, um dia

antes do derradeiro, mais de meu destino que eu mesmo. Era isso que queria. No aeroporto no embarque, momento de despedida. Os pais aflitos, ainda questionando a decisão.

O voz no vazio anunciava – Embarque para a Eslovênia, última chamada. Hora de partir. Tem certeza disso tudo? Não, mas vou. Filho, ligue quando chegar por favor, não esqueça. Ligo sim pai...se houver telefone na cidade que a vida me pousar.

A História que vou contar é...

A pizza do Roberto

Flávia Sakai

Roberto não é italiano, mas estudou como ninguém a arte da pizza, a farinha, o processo de fermentação, a temperatura ideal do forno, da água e do ambiente para trazer a experiência da melhor textura e do melhor sabor. Suas mãos modelam habilidosamente a massa leve e macia e a transformam em uma tela, que está pronta para receber os ingredientes que seus sentidos decidem escolher. Há muita Arte e muito Amor.

É por isto que eu e Junior passamos a jantar uma vez por semana e às vezes duas na Forneria do Roberto. Entre uma pizza e outra que sai cheirosa e quente do forno para as casas dos moradores de Moema, nos deliciamos com suas histórias.

Na última quarta-feira conhecemos Michelle, um amigo do Roberto, *italiano*

napolitano vero i sua moglie brasiliana. Ele mora há alguns anos no Brasil, mas pensa em voltar para a Itália. Segurei minha braveza e nem pude sentir o gosto da pizza, enquanto o ouvia falar sobre a criminalidade, a falta de segurança, os absurdos políticos e a falta de atitude do povo brasileiro. Sei que isto acontece, mas talvez por ser nipo-brasileira com sangue quente, fiquei incomodada com o estrangeiro criticando meu país.

Roberto, que também deve ser anjo, ofereceu uma meia-*parma*-meia-*shimeji* para ser compartilhada pelos casais de amigos. E duas mesas viraram uma e assim formamos uma grande roda no *piccolo* salão. Falamos sobre culturas e valores. Falamos sobre Brasil, Itália e Japão.

Nunca estive no Japão. Por muitos anos, neguei minhas origens. Quando pequena, queria ter olhos grandes e cabelos ondulados. Era apaixonada pelo pai italiano de uma amiga, amava pronunciar seu sobrenome com duplo “z” e queria ser artista.

Em 2003, já formada em arquitetura, fiz minhas malas e viajei para Milão, cidade da arte, da moda, do design e dos nomes deliciosos de se pronunciar. Meu maior passatempo, além de ouvir os sons desta bela língua e tomar cappuccino com brioche, era me perder pelas ruas, galerias de arte e livrarias e, sem querer, encontrar e reconhecer pedaços da minha essência.

Retornei para São Paulo mais japonesa do que nunca. Por acaso, naquele período, estreava o filme “O Último Samurai”, com Tom Cruise. Apaixonei-me pelos valores dos guerreiros – Justiça, Coragem, Compaixão, Respeito, Honestidade, Honra e Lealdade. Pelos anos seguintes cobrei de mim mesma e dos outros o rigor da cultura japonesa, criticando este país, onde a Honestidade e o Respeito parecem ser mais tolices do que virtudes.

Então, naquela quarta-feira em Moema, eu tinha todas as razões para me aliar ao italiano com nome sonoro e atacar o Brasil. Mas não foi o que aconteceu. Naquele momento, reconheci novos pedaços da minha essência e da brasilidade que adquiri nascendo neste país. Leveza, Flexibilidade, Suavidade, Espontaneidade e muito Amor. Como a pizza do Roberto.

A folha em branco

Gabriela Gasparin

Fazia menos de um mês que eu havia começado a fazer sessões de psicanálise. Naquela tarde, meu analista propôs um exercício diferente:

– Feche os olhos e imagine que você está descendo uma escada. Desça até o final dela e me diga o que vê ao redor - orientou.

– Não há nada aqui... - respondi.

– Tudo bem... Então agora visualize uma porta ao final da escada, que dá para um porão. Quero que você abra e veja o que tem lá dentro - disse.

– Não encontro nada aqui. Está tudo escuro.

– Não há nada? - questionou

(Nessa hora percebi que era para ter alguma coisa ali. Fiz aparecer um baú no canto da sala).

– E que tem dentro do baú? - indagou ele, ansioso.

– Olha, sinceramente o baú está vazio.

– Não há nada dentro do baú?

(Senti-me pressionada e fiz aparecer umas folhas de papel).

– Ótimo. E o que há nessas folhas?

– Nada, oras! - respondi, categoricamente.

Quis o destino, ou o acaso, que eu nascesse sentindo uma grande ausência no peito. Já tentei preenchê-la com trabalho, pessoas, hobbies, artes, espiritualidade, relacionamentos, remédios, comidas e atividades físicas. Mas nada até agora parece completar essa lacuna - que mais parece um buraco sem fundo.

Sem respostas, resolvi perguntar a desconhecidos por aí: “afinal, qual é o sentido da vida?” Falei com ricos e pobres, moradores de rua, detentas, artistas e empresários milionários. Conversei com quem jogou tudo para o alto e

mudou de vida, com quem se viu em situações difíceis, como ter o diagnóstico de um câncer raro ou contraiu o vírus do HIV. Falei com quem perdeu um ente querido da noite para o dia, com líderes religiosos, conversei com meus próprios pais.

“O sentido da vida é amar e ser amado”, respondeu-me, certa vez, um administrador. “É trabalhar”, disse-me uma senhora. “É Deus”, sentenciou a freira que encontrei na rua. “O sentido da vida é evoluir sempre”; “é aproveitar a cada dia”. “É sonhar e trabalhar para realizar os sonhos”. “É estar com a família”. “É buscar a felicidade”...

Ao todo foram mais de 100 respostas. Publiquei-as em um livro. Ouvir como os outros preenchem suas vidas, de certa forma, aliviava meu vazio. Porém, ao final de cada uma das entrevistas eu pensava: “e o meu sentido, qual é?”

De lá para cá eu já larguei emprego, vendi carro e apartamento. Livre, fui viajar para a Chapada dos Veadeiros, em Goiás, lavar a alma nas cachoeiras que há por lá: “serei hippie”, pensei. Não deu certo - viver solta por aí definitivamente não era para mim.

Voltei a São Paulo. Comecei e parei um mestrado. Entrei para aulas de flauta. Passei a fazer yoga, fui a retiros espirituais, procurei diferentes terapeutas, fui ao psiquiatra, comecei e parei de tomar remédios. Até para a Índia, o berço da espiritualidade mundial, eu viajei. Nada de o vazio ser preenchido.

Foi quando lembrei de como eu me sentia bem ao coletar “sentidos da vida” por aí. Conhecer outras vidas me ajudava, de certa forma, a entender a minha. Jornalista que sou, passei a trabalhar com isso: hoje escrevo e ajudo as pessoas a escrever suas próprias histórias.

Às vezes, quando sinto muita angústia e a dor do buraco vazio incomoda lá dentro, eu tento lembrar daquelas

folhas em branco que encontrei soltas no baú do meu inconsciente, na sala do psicanalista. E é assim que, dia após dia, escrever sobre outras vidas vem sendo uma forma de preencher as páginas da minha própria.. Afinal, quando um papel está em branco, a gente tem a liberdade de preencher como quiser, não é verdade?

Todas as histórias já foram contadas

Renata Almeida

“Criar é o que me move”, costumo dizer. Crio para preencher espaços vazios, mas também para esvaziar espaços cheios, repletos de experiências e memórias, não só minhas, mas de tantos que vieram antes de mim.

Gêmeos com ascendente em gêmeos. Ficou definido no momento em que nasci. Um ser de natureza predominantemente mental. Dos quatro elementos, o Ar. Se fosse um animal, gostaria de ser um pássaro. Tenho vários em casa. De pano, de madeira, de todas as cores. Na minha geladeira convivem uma coruja, um beija flor e um tucano. Na varanda, uma arara azul que teve uma das asas quebrada e recolada, não se intimida, e parece estar sempre planejando o próximo voo.

Anos atrás eu tive um sonho, que nunca me esqueço. Começou assim, com uma voz dizendo: “Mudar a mente é o segredo para se libertar”.

Me vi montada em um cavalo branco, sem rédeas, em pleno galope. Minha paixão por pássaros não lhe fez alado, era um cavalo comum. Nós dois éramos guiados por uma energia que não sei de onde vinha, de início percorríamos o acostamento de uma estrada asfaltada, até que finalmente acessamos um campo aberto, tomado de pequenas flores e capim alto.

A ironia é que eu não pensava em nada, e não era a possibilidade de criar que me movia, tudo parecia já estar criado e a mim só cabia vivenciar tudo aquilo. Sentia uma sensação de liberdade difícil de descrever, uma paz acompanhada de um leve frio na barriga. Lembro que o vento varria a paisagem enquanto nos aproximávamos de

uma montanha muito alta de picos nevados. Eu estava feliz como nunca.

Foi um sonho breve. O que aconteceu depois são apenas possibilidades.

Subi a montanha ou peguei um atalho?

Dei asas ou um nome pro cavalo?

Encontrei pessoas ou foi um percurso solitário?

De volta a “realidade”, já comecei a interpretar: Era isso, eu precisava mudar meu jeito de pensar para me tornar livre. Até perceber que pensar assim e depois pensar assado não surtiu tal efeito. Anos se passaram até surgir um novo entendimento. Não era da minha pequena mente à que a voz se referia, e sim à uma Mente com M maiúsculo, sábia, iluminada, que contém tudo e todos. Sem exceção. E somente guiada por esta Mente é possível ser livre e ir mais longe.

Toda descoberta traz consigo uma infinidade de novas perguntas: Será que dentro desta Mente já não foi tudo criado, todas as histórias vividas e contadas? E que talvez o que nos torne únicos e nos dê algum mérito é qualidade das emoções e sentimentos que preenchem tudo isso de significado?

Sendo assim, minha frase inicial faria mais sentido se fosse: “Recriar é o que me move”.

Eu disse “minha frase”? Ah, esta minha pequena mente, sempre me pergando peças.

Recomeçar

Silvionê Chaves

Nasci em Minas, e minha avó percebendo que na minha cidade não havia futuro para mim solicitou a D. Lígia, sua entediada, que quando ela morresse me levasse para São Paulo. E assim aconteceu. Aos dezesseis anos, trouxe a minha mineirice para a maior megalópole do país.

Aos dezenove anos decidi ser engenheiro, pois era excelente em matemática. Prestei vestibular em Ouro Preto. Passei. Feliz da vida voltei para o meu estado natal. Ao chegar a Ouro Preto, entrei em contato com uma frase que iria marcar a minha vida: **“O segredo da vitória é sempre começar de novo”**.

Ao longo do curso, conheci Frei Luís Sartori, um frade franciscano, e com ele participei da Pastoral Operária. No quinto ano de engenharia, descobri que não tinha vocação para ser engenheiro. Entrei em crise. Foi um ano muito difícil. Sofri muito. Tinha consciência que deveria terminar o curso, mas ia para as aulas sem nenhuma motivação.

Na minha convivência com o Frei Luís descobri que minha vocação era ser padre. Fui para Petrópolis e durante seis anos estudei filosofia e teologia me preparando para a vida sacerdotal. Ao término dos meus estudos, Fr. Luís Sartori me chama para uma conversa e me diz:

- Na minha opinião, você não tem vocação pra padre.
- Mas Frei só agora? Depois de seis anos?

Entre novamente em crise, mais profunda que a anterior, pois nessa altura já tinha 32 anos e na minha bagagem apenas duas malas de roupas. Estava arrasado. O que fazer depois de onze anos de estudos?

A resposta logo veio, já que estudei Engenharia de Minas vou ser professor de matemática. Fui até uma

Faculdade em São Paulo para me matricular no curso de Licenciatura em Matemática.

Entretanto, o Universo me preparou algo inusitado. No dia da entrevista com a coordenadora do curso de matemática, fui com um broche que tinha os dizeres: “**Vá ao teatro**”. A Profa. Neide, que me entrevistava, perguntou-me se gostava de teatro. Disse que sim. Então ela me sugeriu que eu fizesse Licenciatura em Artes Cênicas para alunos do ensino médio. Ela trabalhava na Faculdade Mozarteum que oferecia cursos de licenciatura para as diversas áreas das artes.

Na semana seguinte, estava sentado em uma carteira assistindo aula de folclore com a profa. Neide.

Veja como a vida é: um broche mudou toda a minha história. A partir daí fui mergulhando e me apaixonando cada vez mais pelo teatro. Tornei-me professor de teatro e há 28 anos trabalho na sala de aula com alunos do ensino médio.

Encontrei no magistério a resposta para a minha vocação, pois sou apaixonado pelo que faço.

Certa vez, ministrando uma oficina de teatro em Mogi das Cruzes encontrei uma jovem que no primeiro dia já me impressionara. Comentei com um amigo que essa jovem haveria de brilhar nos palcos da vida. Seu nome: Sandrinha Lessa.

Depois de tantos anos, sou eu que participo de uma oficina que ela ministra. Sinto-me orgulhoso de ser seu aluno e, muito feliz por perceber que na vida um dia somos professores e em outro somos alunos.

E agora, já um sexagenário, início uma nova etapa como narrador de histórias de vida, porque aprendi que “**recomeçar é o segredo da vitória**”.

De onde vim, para onde vou

Susana Caetano de Souza

Nasci em uma família pobre. Pai comerciante, mãe do lar. Éramos seis filhos, mas o segundo deles partiu da maternidade diretamente para o céu. Eu e os demais crescemos num quintal que parecia uma chácara no bairro Tucuruvi, zona norte de São Paulo.

A escola foi um universo novo que conheci, para além da casa de meus pais. Um ambiente e uma época repressivos que calavam aquilo que vinha no peito. Dona Maria Ignez - a professora que eu idolatrava -, no entanto, me inspirou a ser professora quando crescesse.

Passaram-se os anos, onze, em que estudei em escola pública, até conseguir entrar na faculdade de matemática, particular. É. Eu queria ser professora de matemática! A necessidade e o desejo de independência financeira acabaram me levando para o serviço público e distanciaram-me da licenciatura. Terminei a faculdade e guardei o sonho.

A lógica da matemática facilitou o entendimento da lógica do direito. Só que eu não queria ser advogada. Quando me dei conta, lá estava eu no Largo São Francisco. Entre a faculdade e o tribunal, um novo universo descortinou-se para a sempre curiosa aprendiz: o universo das palavras, que tanto ferem como curam.

A par de minhas próprias mazelas ouvi muitas outras histórias de vida, diversas delas de pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e ali estavam aguardando uma decisão sobre seu futuro no assim chamado mercado de trabalho, pois “sem o seu trabalho, o homem não tem honra; e sem a sua honra, se morre, se mata”.

Fiz carreira e tornei-me juíza do trabalho. Lembro-me, até hoje, da sensação de haver cruzado um portal quando

soube de minha aprovação no concurso público mais difícil que enfrentei. Comecei, então, a interferir nas histórias de vida de outras tantas pessoas, utilizando da melhor forma os conhecimentos da matemática e do direito que se integraram ao meu modo de ser.

Olhando para trás, me vejo Alice no País das Maravilhas. Entrei na toca do coelho, mas a primeira coisa que fiz foi abandonar o relógio, que me impedia de ouvir as diversas versões da mesma história para decidir com justiça. Cansei de ver os soldados pintarem de vermelho as flores brancas. Também tive de enfrentar a Rainha de Copas, com seu grito estridente: cortem-lhe a cabeça!

No processo de transição para a aposentadoria, resolvi sair da toca e retomar as rédeas do meu sonho de criança. Ingressei na faculdade de pedagogia, e, espero, finalmente, ser professora.

Dentre tantas histórias que ouvi e modifiquei, reescrevi minha própria história.

Descobri que a gente pode ser o que quiser, mas isso dói. A dor, porém, é um dos fatores que dão sentido à minha existência.

Para onde vou? Para cada coração que minha história conseguir tocar. Não sou borboleta, mas preciso da metamorfose e da liberdade de voar.

Trabalho

“Ah, memória, inimiga imortal do meu repouso!”

Miguel de Cervantes

Até chegar ao oitavo andar

Denise Maia

Acordei bem cedinho, afinal era um trajeto longo, o trem até a Central do Brasil, depois o metrô até a estação de Botafogo e uma boa caminhada até chegar em frente àquele imponente prédio de 2 torres, ligadas por um corredor de vidro de onde algumas horas depois eu poderia ver o mar, os barcos do Iate Clube e o Pão de Açúcar completando o cenário. Entrei sorrateira, tirei da bolsa o crachá e passei tímida, mas confiante. Era meu primeiro dia de trabalho e nos poucos minutos dentro do elevador até o oitavo andar um filme me veio à cabeça.

Me vi menina nas ruas do bairro da Piedade, no subúrbio do Rio, a caminho da escola Goiás, a única escola pública do bairro, com todas as suas limitações. A visão da janela da escola não era o mar, era a linha do trem. Via meus pais na corrida para criar os quatro filhos, me vi nas bibliotecas, fugindo do barulho da casa, buscando nos livros o meu refúgio.

Veio a lembrança da faculdade de Letras, que de tão deficiente já deixou de existir há alguns anos, mas me deu uma formação.

Lembrei ali naquele elevador do meu primeiro emprego, com 18 anos, assistente do Major Souza, andando por todo o Rio de Janeiro recolhendo contribuições para o Exército de Salvação, de vez em quando até via o mar, da janela do ônibus, sem muito tempo para apreciá-lo. Depois trabalhei mais dois anos em uma corretora de seguros e um ano em uma editora. Até então não havia uma carreira, o trabalho era basicamente para pagar a faculdade.

A cada andar que o elevador parava vinha a figura da minha mãe, que esteve ali antes de mim, na condição de prestadora de serviços. Via em suas mãos sacolas com

roupas, eram as entregas que mulheres do RH daquela empresa haviam solicitado para a costureira do bairro que morávamos, a quem minha mãe ajudava para complementar a renda familiar. E eu conseguia ver em suas mãos um envelope, com o currículo que ela tanto insistiu que eu fizesse, pois ela o entregaria no RH. Essa era Da. Nancy, mulher forte e que sempre foi à nossa frente, abrindo caminhos. Às vezes acertando, às vezes errando, mas sempre tentando. E a verdade é que ela entrou naquele elevador antes de mim.

A porta do elevador se abriu, respirei fundo, uma carreira se iniciava. Era meu primeiro dia de trabalho na maior empresa de tecnologia do mundo. Do elevador conheci outras alturas. Alguns anos depois da janela de um avião eu olhava aquele prédio quase chegando nas nuvens, partindo para uma nova cidade, com novos desafios e oportunidades. Não foram oito andares, foi a trajetória mais empolgante da minha vida.

O Estranho

Marcelo Miranda

- O sistema está apresentando um problema na inclusão de novos dados.

Foram estas as primeiras palavras que falei com o João, que era um dos desenvolvedores daquele departamento de informática. Eu estava começando na empresa naquele dia, substituindo uma funcionária que estava de licença maternidade.

Eu trabalhava, há pouco mais de duas horas, em uma mesa em outro canto do andar, fazendo o atendimento aos usuários. Tinha um manual com as soluções mais simples em mãos e uma listagem com o nome do desenvolvedor de cada sistema. Quando aconteceu um problema que não estava no manual, eu fui para um contato humano, com a minha timidez característica. Na mesa do desenvolvedor, disse:

- O sistema está apresentando um problema na inclusão de novos dados.

- Quem é você? – perguntou o João – Ninguém te apresentou... para mim você é um estranho!

O João era o engraçadinho do andar, conhece o tipo? Aquele que nunca perde uma oportunidade de fazer uma piada e está com os sentidos atentos para qualquer deslize alheio. Eu ganhava ali um apelido: O Estranho – com todas as suas variações (Stranger, Doutor Estranho, etc.).

Todos no andar passaram a me conhecer por “Estranho”. Com o tempo até descobriram meu nome, mas usavam mais em ocasiões formais, como quando falavam com o chefe. As brincadeiras lá eram constantes, mas nunca ofensivas. O mais legal era entrar no clima e brincar junto.

Os desenvolvedores passaram a inventar histórias malucas sobre minha origem ou características pessoais. Eu confirmava e aumentava alguma coisa na história.

Por exemplo: eles disseram que eu não me apresentava porque tinha sido educado com monges na infância, onde ninguém se chamava pelo nome. Eu disse que isso tinha um motivo, porque tínhamos que abandonar nosso individualismo.

Certa vez disseram que eu tinha vindo de outro país e me pediam para falar uma frase no “meu” idioma – o que eu fazia de bate e pronto. Noutra ocasião, disseram que eu era um espião enviado pelo chefe, então peguei um caderno e comecei a fingir que estava fazendo anotações sobre o comportamento deles.

O fato é que, entre problemas nos sistemas e histórias inventadas, os quatro meses que fiquei lá pareceram um período muito maior. Enquanto me despedia, percebi que eu era uma das pessoas mais populares do andar, era um dos poucos que conversava com quase todo mundo.

- O sistema está apresentando um problema na inclusão de novos dados.

Sim, ainda hoje acontece, com outros sistemas e outros dados. E até hoje invento histórias maluca ou brinco com situações cotidianas. Sempre atento ao que está acontecendo, assim como fazia o João.

Sou tradutor

Víctor Gonzales Linares

Era quarta-feira de manhã, fazia uns cinco graus e as minhas mãos estavam frias, e muito. Tinha chegado cedo à feira de Frankfurt para participar da feira de negócios, logo de manhã haveria uma rodada de negócios entre editores de diversas editoras do mundo todo, e queria participar. Era a minha primeira vez. Lembro que sentei em uma das mesas, de frente para editor, cumprimentei, deu a mão e um bom dia em inglês, ele respondeu e então perguntou: O que você é? O que você faz?

Depois dessa pergunta eu só lembro que me vi sentado na poltrona de casa assistindo a apresentação do Oscar, acompanhando a tradução do evento. Tudo como um flash, também me vi, logo em seguida, sendo chamado pela minha irmã para assistir a Miss Universo, estava passando justo o momento das perguntas às candidatas e a Miss Peru era uma das finalistas, mas ela não falava inglês, então apareceu um tradutor — um senhor baixinho, gordo, com aparência de intelectual, dentro de um fraque cinza — para a hora as perguntas. Ele foi a ponte de comunicação entre a miss peruana e a plateia. Eu achei isso fascinante. Naquele momento pensei e decidi, quero ser tradutor.

O desejo ficou, mas o curso de inglês que fiz anos depois não ajudou em nada para eu embarcar na minha nova vocação. Tive que parar o curso porque a minha mãe não conseguiu continuar pagando o curso, éramos pobres, sim, fazer um curso de línguas era difícil para qualquer um rapaz na minha situação. Então tive que guardar a minha vontade de ser tradutor em alguma das gavetas de casa.

Ainda lembro o dia que ganhei o livro *Mi Planta de Naranja Lima*, depois da leitura daquele livro a minha vida nunca seria a mesma. Embarquei na viagem do menino que

falava com uma árvore, que morava em um país que não falava a minha língua. Ah, pensei, é português que eu quero aprender. Mas português?, questionaram meus amigos. Vai estudar inglês, francês, italiano ou alemão, mas português... Só o Brasil e Portugal falam essa língua, mas algum país da África também e olha lá! Mas eu sabia o que queria.

Para aprender português tive que correr atrás de uma bolsa na rádio da cidade, tive assistir a Pantanal e Dona Bela, para treinar a língua portuguesa, até a minha primeira amiga brasileira me convidar para fazer um intercâmbio, afinal, eu queria aprender português e ela espanhol. Seria uma boa troca linguística e cultural. Larguei a faculdade, o meu trabalho, fiz as malas e viajei. Ainda lembro o primeiro dia que pisei em solo brasileiro. A viagem foi uma aventura e tanto. Muitas surpresas, muita emoção. Até ganhei uma camisinha na minha festa de boas-vindas. Opa! Uma camisinha não, uma camisa, aqui no Brasil camisa no diminutivo é outra coisa... Realmente precisava aprimorar o meu português, mas eu estava amando, amava essa língua.

Um dia, depois das aulas da escola recebi um telefonema: Alô! Gostaria de falar com o Víctor. Sou a Simone e gostaria de encomendar uma tradução, vocês faz? Naquele momento um frio me invadiu, sorri alegre e lembrei do tempo que assistia ao Oscar e Miss Universo em casa e respondi, sim.

Sim, respondi alto e sonoramente para no meio do barulho da feira o editor do outro lado da mesa me ouvir: sou tradutor, aqui tem meu cartão.

A vida por inteiro - 100%

Yone Fonseca

O mundo está polarizado?

O mundo sempre foi polarizado!

Meu mundo era assim, meio dividido, 50% feliz, 50 % triste, metade medrosa, metade corajosa, metade séria, metade palhaça. Porém sempre me joguei nos desafios por inteiro. De onde vem esse conflito, de quem é a culpa? Nas histórias, sempre há um culpado, e nesse caso a culpa é da mãe, uma mulher pequena, cabeça chata, menos de um metro e meio, com muita força e garra, muita força principalmente com a língua e com as palavras. Ela falava, virava lei, eu obedecia.

Minha mãe sempre foi cheia de muitos ditados: quem arruma besta não compra cavalos; mais vale amigo na praça, do que dinheiro na caixa; fia, não há felicidade completa. Esse ditado virou crença, e as crenças muitas vezes, mais atrapalham do que ajudam. Na verdade, o propósito dela foi sempre de me incentivar.

Desde muito cedo batalhei para superar as dificuldades e os próprios medos. Essa frase de Sérgio Vaz, que li uma vez em um quadro do Museu da Pessoa, diz muito sobre mim, “...achou que eu não ia ser ninguém, olha eu aqui...”

Filha de um casal de nordestinos bem-humorados, que vieram ganhar a vida em São Paulo, na década de 70, seu Lourival, o (lourin) agricultor que virou pedreiro e Francisca a costureira, tiveram quatro filhos, só vingou uma, Deus quis assim. Eles sempre diziam que a maior herança que um pai pode deixar para os filhos eram “os estudos”. Tomei pelas mãos esse, e outros valores e fui seguindo o meu caminho.

Minha infância foi muito feliz, apesar das dificuldades financeiras, sempre estudei nos melhores colégios. Estar presente em dois contextos, sempre trouxe um pouco de

dúvidas e angústias. No entanto, de uma coisa eu nunca me arrependerei. Eu, sempre agarrei e aproveitei todas as oportunidades que apareceram em minha vida, e essas me renderam muitas e muitas histórias. Afinal as pessoas me diziam que eu sempre tive muita sorte. (tive mesmo!)

Há vinte anos, eu fazia parte da equipe multiprofissional de um hospital e tive a sorte de ganhar as passagens e hospedagem, para participar de um congresso internacional. Foi uma das primeiras vezes que pensei - “olha eu aqui”.

O evento era gingatesco, quinze mil pessoas, muito conhecimento e muitos lugares maravilhosos. Teve uma situação muito engraçada, nós estávamos hospedados em um hotel lindíssimo, próximo a um lago, parecia um castelo.

Todas as vezes que saímos para as refeições, nossa coordenadora que era muito magra (e chique), comia muito pouco. Ao contrário de mim que sempre fui muito boa de garfo.

Naquela mesa de café, tinha frutas, croissants e queijos franceses, uma fartura. Em um dos dias fomos jantar todas juntas para celebrar a viagem. O prato principal era lagosta, tudo muito, muito chique. Porém, veio a minha mente, os 50% aqueles que já comentei no início dessa história.

Eu ficava com muita vergonha de repetir “o prato”, ficava matutando, “vão dizer que você veio do Ceará a pé..., sua morta de fome”, “você precisa ser chique”. Mantive a linha, fui educada no jantar, mas sempre que possível, eu outra amiga fugíamos para comer escondido. Para minha sorte, eu tenho mais da metade do tempo para aproveitar e reviver tudo aquilo que passou muito rápido como um segundo de sopro de felicidade. E eu vou saindo, rapidinho parafraseando o querido Zeca Baleiro - Lobo bom e mau cordeiro, Mais metade que inteiro, me chamei Yone Fonseca pra melhor me apresentar.

